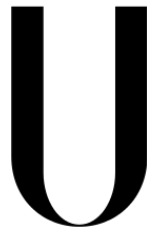


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO E AS  
EXPERIÊNCIAS DEPRESSIVAS NA ADOLESCÊNCIA**

**Natacha Filipa Raposo Vieira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**  
**(Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO E AS  
EXPERIÊNCIAS DEPRESSIVAS NA ADOLESCÊNCIA**

**Natacha Filipa Raposo Vieira**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Constança Biscaia**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**(Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2013**

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Constança Biscaia, pelo empenho, disponibilidade, preocupação e, sobretudo, pela sabedoria inigualável.

Aos Professores e alunos, pela disponibilidade e envolvimento.

Aos meus amigos, pelo apoio, pelas gargalhadas e por terem estado sempre ao meu lado, nos bons e nos maus momentos.

Ao meu namorado, pela paciência, bom humor, carinho, compreensão e, acima de tudo, por ter acreditado sempre em mim.

Às duas pessoas mais importantes da minha vida, à minha mãe e ao meu pai, pela pessoa em que me tornei, pelos valores que me transmitiram, pelo esforço incansável que fizeram ao longo de cinco anos, pelo trabalho árduo e pelo amor incondicional que me possibilitaram a concretização de um sonho.

## RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar a relação entre o processo de separação-indivuação e as experiências depressivas na adolescência. Foram definidos três objetivos específicos: (1) Analisar as dimensões do processo de separação-indivuação em função das variáveis sociodemográficas: Sexo, Idade e Sucesso Escolar; (2) Analisar as dimensões das experiências depressivas em função da variável sociodemográfica: Sexo; (3) Analisar a relação entre as dimensões do processo de separação-indivuação e as experiências depressivas. Estudámos uma amostra de 150 adolescentes (103 raparigas e 47 rapazes), com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos de idade, a frequentar o ensino básico e secundário. Utilizou-se a adaptação portuguesa do Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A; Morgado & Campos 2011) e o Teste de Separação-Indivuação para a adolescência (SITA; Levine, Green e Millon, 1986). Verificaram-se diferenças significativas em função da variável Género nas subescalas do SITA, Expectativa de Rejeição, em função da variável Sucesso Escolar na subescala Separação Saudável e em função da variável Idade em 3 subescalas do SITA (Ansiedade de Separação, Ansiedade de Aproximação e Expectativa de Rejeição). No que diz respeito às dimensões do QED-A, verificaram-se diferenças significativas em função das variáveis género e idade no fator Dependência. Relativamente às correlações entre os instrumentos, observam-se correlações significativas e negativas entre a maioria das escalas do QED-A e do SITA. Os resultados fazem-nos refletir sobre o processo de separação-indivuação e sobre os desafios de desenvolvimento que este implica. Consideramos fundamental desenvolver estudos futuros que permitam contribuir para a exploração e compreensão dos resultados.

**Palavras-chave:** Processo de separação-indivuação; experiências depressivas; adolescência

## **ABSTRACT**

The main objective of the present work had been analyze the relationship between separation-individuation process and the depressive experiences in adolescence. Had been define three specific objectives: (1) analyze the separation-individuation process dimensions as a function of sociodemographic variables: Gender, Age and School Success; (2) analyze the depressive experiences dimensions as a function of sociodemographic variable: Gender; (3) analyze the relationship between the separation- individuation process and depressive experiences dimensions, through the co-relationship between instruments. We had studied a sample of 150 adolescents (103 girls and 47 boys), aged between 14 and 17 years old, in the middle school and high school. We used the Portuguese adaptation of the Depressive Experiences Questionnaire of Adolescence (QED-A; Morgado & Campos 2011) and the Separation-individuation Test of Adolescence (SITA; Levine, Green e Millon, 1986). We could see that existed significant differences in function of the Gender variable according to the scales of SITA, Rejection Expectancy, the School Success variable according to the Healthy Separation and the Age variable according the scales of Separation Anxiety, Engulfment Anxiety and Rejection Expectancy. In respect of the QED-A dimensions, we were able to see that existed significant differences about Gender and Age variable in Dependence Factor. About the co-relationships between the instruments, we could observe that existed a lot of negative co-relationships and positive co-relationships between the scales of QED-A e do SITA. The conclusions made reflect about the separation-individuation process and the development challenges that involves. We think that is important develop future studies to assist in the exploration and understanding of the results.

**Keywords:** Separation-individuation process; depressive experiences; adolescence

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	4
Capítulo 1. A Adolescência enquanto período de Crise e Mudança .....	4
Capítulo 2. A Adolescência e o Processo de Separação-Individuação .....	8
Capítulo 3. As Experiências Depressivas na Adolescência.....	14
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	22
Capítulo 4. Objetivos e Hipóteses .....	22
Capítulo 5. Metodologia.....	24
5.1 Participantes .....	24
5.2 Instrumentos de medida .....	25
5.2.1 Questionário Sociodemográfico .....	25
5.2.2 Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A; Morgado & Campos 2011).....	25
5.2.3 Teste de Separação-Individuação para a adolescência (SITA).....	26
5.3 Procedimento .....	30
5.4 Procedimento estatístico .....	31
Capítulo 6. Resultados.....	32
6.1 Análise dos resultados no Teste de Separação-Individuação (SITA).....	32
6.1.1 Caraterização dos resultados nas subescalas do SITA .....	32
6.1.2 Análise dos resultados no SITA em função das variáveis sociodemográficas.....	33
6.1.3 Correlações entre as subescalas do SITA .....	37
6.2. Análise dos resultados no Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A) .....	38
6.2.1 Caraterização dos resultados nas escalas do QED-A .....	38

6.2.2	Análise dos resultados no QED-A em função das variáveis sociodemográficas .....	39
6.3	Correlações entre o SITA e o QED-A .....	40
	Capítulo 7. Discussão .....	42
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	53

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Características Sociodemográficas dos participantes .....	24
<b>Quadro 2:</b> Valores de <i>alpha de Cronbach</i> para as nove subescalas do SITA na versão original de Levine, Green & Millon (1986), na versão de Levine & Saintonge (1993) e na presente investigação .....	30
<b>Quadro 3:</b> Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos resultados obtidos nas subescalas do SITA, na amostra total .....	33
<b>Quadro 4:</b> Comparação das subescalas do SITA em função da variável Género (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes) .....	34
<b>Quadro 5:</b> Comparação das subescalas do SITA em função da variável Idade (Teste Kruskal-Wallis para quatro Amostras Independentes) .....	35
<b>Quadro 6:</b> Comparação das subescalas do SITA em função da variável Sucesso Escolar (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes) .....	36
<b>Quadro 7:</b> Correlações das subescalas do SITA entre si, na amostra total .....	38
<b>Quadro 8:</b> Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos resultados obtidos nas escalas do QED-A, na amostra total .....	39
<b>Quadro 9:</b> Comparação das escalas do QED-A em função da variável Género (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes) .....	39
<b>Quadro 10:</b> Comparação das escalas do QED-A em função da variável Idade (Teste Kruskal-Wallis para quatro Amostras Independentes) .....	40
<b>Quadro 11:</b> Correlações das escalas do QED-A com as subescalas do SITA, na amostra total .....	41



## ÍNDICE DE ANEXOS

**Anexo I.** Questionário Sociodemográfico

**Anexo II.** Versão portuguesa do Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A)

**Anexo III.** Teste de Separação-Individuação (SITA)

**Anexo IV.** Subescalas do SITA

**Anexo V.** Declaração de Consentimento Informado

**Anexo VI.** *Output* da comparação múltipla das médias das ordens da subescala Ansiedade de Separação do SITA

**Anexo VII.** *Output* da comparação múltipla das médias das ordens da subescala Ansiedade de Aproximação do SITA

**Anexo VIII.** *Output* da comparação múltipla das médias das ordens da subescala Separação Saudável do SITA

**Anexo IX.** *Output* da comparação múltipla das médias das ordens do fator Dependência do QED-A

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura compreender os efeitos residuais do processo de separação-indivuação e a sua relação com as experiências depressivas na adolescência. Especificamente pretende-se num primeiro momento analisar a vivência precoce do processo de separação-indivuação e o impacto deste em adolescentes entre os catorze e os dezassete anos. Posteriormente pretende-se explorar a vivência de estados depressivos neste período de desenvolvimento e como já mencionado, por último, a sua relação com o processo de separação-indivuação.

A adolescência é essencialmente um período de mudanças. Estas ocorrem no plano físico, psicológico e social. O adolescente sente uma forte necessidade de romper com os desejos, ideais, os modelos de identificação e os interesses que vêm da sua infância (Braconnier & Marcelli, 1998/2000). Por um lado, existe a necessidade de mudanças, por outro, a necessidade de escolhas. “Ora, escolher é conquistar, mas também renunciar” (Braconnier & Marcelli, 1998/2000, p.12). Em primeiro, escolher entre as várias possibilidades oferecidas, através das suas conquistas, ambições e segundo as suas próprias competências. Em seguida renunciar. Alguns adolescentes não aceitam o trabalho de renúncia, onde se recusam a escolher e permanecem numa certa e prolongada indecisão. A estas necessidades, conjuga-se a necessidade de afastamento relativamente aos pais reais mas também relativamente às imagos parentais (Braconnier & Marcelli, 1998/2000, p.12).

O lento rompimento dos laços emocionais que o adolescente tem com a sua família, a entrada numa nova vida lhe acena, tais experiências estão entre as mais profundas da existência humana (Blos, 1962/1998). Peter Blos definiu este processo como um segundo passo para a indivuação, tendo sido o primeiro dado por volta do segundo ano de vida, quando a criança é capaz de distinguir o “Eu” do “não-Eu”. Este processo é acompanhado por sentimentos de isolamento, solidão e confusão. “A indivuação representa o fim irrevogável de alguns dos mais caros sonhos megalómanos da infância” (Blos, 1962/1998, p. 19). De acordo com o autor isso implica relegar os sonhos inteiramente à fantasia, sendo que a sua realização nunca mais pode ser esperada ou concretizada. A compreensão do definitivo da infância cria um sentimento de medo e insegurança.

O adolescente irá assim enfrentar um dos maiores desafios nesta fase de desenvolvimento: deixar de ser criatura criada e passar a ser o criador. Esta transição

acarreta reestruturações, mudanças, novas atribuições, novos significados, novos papéis, essenciais e potenciadores de um desenvolvimento harmonioso. Contudo, o caminho que o adolescente irá percorrer, poder-se-á revelar conturbado e difícil.

Partindo do pressuposto de Peter Blos (1962/1998) que na adolescência ocorre um processo semelhante, e muito mais complexo, que conduz à consolidação de identidade, procuramos compreender as várias dimensões deste processo e o impacto deste na vivência de estados depressivos na adolescência.

A pertinência desta investigação provém da escassez de estudos empíricos que analisem a relação entre as experiências depressivas e os fenómenos psicodinâmicos da separação-indivuação durante a adolescência. O trabalho propõe contribuir para o conhecimento mais aprofundado e fundamentado acerca do funcionamento mental dos adolescentes no que concerne à vivência de estados depressivos e do processo de separação-indivuação. O estudo destas duas temáticas é igualmente importante para o estudo e planeamento do processo psicoterapêutico, uma vez que poderá ajudar a compreender as perturbações emocionais na adolescência e consequentemente ajudar os jovens em sofrimento e desadaptados.

Para comprimir com o objetivo proposto recorreu-se ao *Separation Individuation Test of Adolescence (SITA)*, conceptualizado por Levine e Saintonge (1993) e ao *Questionário de Experiências Depressivas para Adolescente (QED-A)*, desenvolvido por Blatt, Shaffer, Bers e Quinlan (1992), adaptado para a população portuguesa por Morgado e Campos (2012).

A presente investigação está dividida em duas partes, perfazendo um total de sete capítulos. . Na primeira parte é feito um Enquadramento Teórico da temática em estudo, nomeadamente a Adolescência (capítulo 1), enquanto período de crise e de grandes mudanças. Posteriormente apresentamos o Processo de Separação-Indivuação de acordo com as diversas perspetivas (capítulo 2). Ainda na primeira parte do trabalho, procuramos explorar o conceito de experiências depressivas, onde explanamos a conceptualização teórica de Sidney Blatt sobre a depressão (capítulo 3).

A segunda parte refere-se ao estudo empírico, onde expomos os Objetivos e Hipóteses (capítulo 4) definidos para a investigação. No capítulo 5, descrevemos a Metodologia. É caracterizada a amostra do estudo (seção 5.1), são descritos os instrumentos de medida (seção 5.2), assim como o procedimento de recolha de dados (seção 5.3) e a metodologia de análise dos mesmos (seção 5.4). Posteriormente, no

capítulo 6, são apresentados os resultados obtidos no estudo, as médias e desvios-padrão nas escalas do SITA e do QED-A. No capítulo 7, procedemos à discussão dos resultados obtidos, às conclusões relativas ao trabalho realizado, onde expomos algumas limitações, contribuições e estudos futuros.

## PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*Coitado! que em um tempo choro e rio;  
Espero e temo, quero e aborreço;  
Juntamente me alegre e entristeço;  
Dua cousa confio e desconfio.*

*Queria, se ser pudesse, o impossível;  
Queria poder mudar-me e estar quedo;  
Usar de liberdade e estar cativo.*

*Luís de Camões*

### Capítulo 1. A Adolescência enquanto período de Crise e Mudança

A etimologia da palavra adolescência vem do latim “adolescere” que significa “crescer” (Marcelli & Braconnier, 2005).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1975) a adolescência compreende o período entre os 10 e os 19 anos, durante o qual ocorrem alterações corporais, psicológicas e sociais, que conduzem o indivíduo da infância à idade adulta.

Em momento algum as dimensões físicas e psicológicas da puberdade deixaram de ser reconhecidas pelas diferentes perspectivas do desenvolvimento humano. Contudo só quando a psicologia da primeira infância foi explorada e sistematizada foi possível compreender a puberdade nos seus aspetos psicológicos, e é a esses que de acordo com Blos (1962/1998) nos referimos quando falamos de adolescência. Só a partir do final do século XIX, a adolescência começou a ser reconhecida como uma fase fundamental e distinta do desenvolvimento (Ferreira & Nelas, 2006; Sprinthall & Collins, 1994).

Este período ganhou maior fôlego com a proliferação da obra de Sigmund Freud, “Três Ensaio sobre a Sexualidade” (1905/2000). No seu livro, Freud enfatiza a ideia de que a vida sexual infantil predeterminaria o jogo das transformações que ocorriam na puberdade. Esta fase seria caracterizada pela chegada de mudanças substanciais destinadas a dar sentido à vida sexual infantil uma forma final (Freud, 1905/2000). O impulso sexual ganharia uma organização mais completa, e os impulsos que haviam operado, de forma mais independente durante a infância, adquiriam uma espécie de síntese durante a adolescência. Os processos da puberdade estabeleceriam o primado das zonas genitais,

havendo assim uma procura do novo alvo sexual exterior ao próprio. Este processo para o qual o jovem foi preparado desde a infância completar-se-ia (Freud, 1905/2000).

A adolescência pode ser assim vista como a soma das tentativas de ajuste face às alterações internas e externas da puberdade que o adolescente enfrenta (Blos, 1962/1998). A mistura do infantil, da excitação, tensão, satisfação já experimentadas em fases anteriores do desenvolvimento, é a expressão típica da luta do adolescente para reconquistar ou conservar o equilíbrio psíquico que fora prejudicado pela crise da puberdade.

São inúmeros os autores que utilizam o conceito de crise para descrever a adolescência. As mudanças ao nível social, familiar, afetivo e psicológico, as manifestações frequentemente bruscas, instáveis e extremas que os adolescentes vão conhecer no seu comportamento individual e social, conduzem a que se fale deste período enquanto tempo de crise (Matos, 2005).

Erikson, um importante teórico na compreensão do desenvolvimento adolescente, descreveu um modelo debruçado, essencialmente, no desenvolvimento psicossocial que embora reflita uma teoria pós-freudiana, considera os aspetos sociais e históricos que envolvem todos os indivíduos. No seu conceito de desenvolvimento, Erikson (1968) intitula “crises” psicossociais como acontecimentos que vão ter uma relevância num determinado período de vida do indivíduo e que são ultrapassadas quando o indivíduo consegue reunir condições para superar os problemas com que se deparou nesse estágio (crise produtiva ou promotora do desenvolvimento humano). De acordo com Erikson (1982) nesta fase o adolescente precisa de se sentir suficientemente seguro para se adaptar a todas as transformações físicas e psicológicas que vão ocorrendo. O autor definiu esta etapa do desenvolvimento como “Identidade vs. Confusão de identidade” (Erikson, 1982), na qual os adolescentes oscilam entre o que sentem que são e a percepção que os outros têm deles próprios. Todo o edifício identitário é assim posto em causa, “oscilando entre a sobrevalorização e a subavaliação das suas capacidades como homem ou como mulher e, de algum modo, ficar prisioneiro da importância de ser amado, desejado e preferido” (Matos, 2005, p.89)

A adolescência é o período de desenvolvimento do Eu, que assegura a passagem da infância à vida adulta, mas que serve de suporte psíquico ao desenvolvimento pubertário e da sexualidade (Matos, 2005). Esta passagem pode ser definida enquanto um período de transição, um tempo de risco e de crise, onde tudo pode ser perdido mas também tudo

pode ser ganho. Atualmente, esta é considerada uma das fases mais diferenciadoras e significativas do desenvolvimento humano (Ferreira & Nelas, 2006).

É certo que os adolescentes são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem neste período, como também, num plano mais inconsciente, o processo de pubescência afeta todo o desenvolvimento dos seus interesses, comportamentos sociais e qualidade das suas relações afetivas (Blos, 1962/1998).

Coimbra de Matos (2002, p.47) caracteriza a adolescência como um tempo de “crise”, que consistiria na “passagem do *Cabo das Tormentas* – que representaria o difícil e o perigoso, que se transforma em *Cabo da Boa Esperança* – visto que ultrapassada e seguida com entusiasmo a rota da aventura da vida, o adolescente vai oscilar entre duas posições: de estacionamento, expectativa e avanço tímido; de um crescimento disfarçado ou retraído”. Por definição, “crise” é um momento perigoso ou decisivo, uma alteração para o melhor ou para o pior, uma perturbação que altera o curso ordinário das coisas (Coimbra de Matos, 2002). De acordo com o autor, o problema não é a crise, é a ausência dela ou a rotura. Esta crise define-se fundamentalmente pela mudança de objeto de amor, que se caracteriza por sua vez, pelo luto do objeto amoroso infantil e o encontro com o objeto libidinal da idade adulta (Coimbra de Matos, 2002). Ou seja, a crise é descrita enquanto período de mudança de objetivos, que consiste na saída dos interessente essencialmente narcísicos, característicos da infância, para o desenvolvimento do interessentes sociais, que marcam a adultícia.

De acordo com Marcelli e Braconnier (2005, p.23) a crise que todos os adolescentes atravessam, caracteriza-se por um “duplo movimento de negação da infância, por um lado, e procura de um estatuto de adulto estável, por outro”. Ferreira e Nelas (2006, p.147) definem o processo adolescente igualmente num duplo registo: “o registo da realidade externa traduzido sob a forma de conflitos entre gerações e o registo da realidade interna caracterizado pelo abandono das ligações aos primeiros objetos de amor e consequentemente investimento em objetos heterossexuais”. Este é considerado por Coimbra de Matos (2002) um dos conflitos centrais de toda a vida: a mudança ou não mudança de objeto. A tarefa do adolescente é abandonar o mundo da infância e integrar-se no mundo dos adultos, o que envolve abdicar das vantagens infantis para poder assumir os benefícios da fase adulta (Coimbra de Matos, 2002).

Para Matos (2005) a adolescência, depois da primeira infância, é considerada a fase de desenvolvimento mais sensível da construção da identidade no indivíduo. Tal como afirma Coimbra de Matos (1988) na adolescência, “pelas profundas modificações

que se verificam ao nível da autoimagem e dos investimentos – em face de mudanças corporais e de regime hormonal e da diferente atitude dos objetos -, podem verificar-se grandes metamorfoses na identidade e na relação objetal”. Com identificações mais diversificadas e sob a influência de modelos fora do círculo familiar, é o período em que o sujeito se confronta com os seus ideais primitivos, com ideais mais realistas que o obrigam a reformular as representações que tem de si próprio, dos seus pais e dos objetos formadores (Matos, 2005). É neste percurso, que o encontro com figuras válidas de identificação, num vasto leque de possibilidades, permite ao adolescente o desenvolvimento da sua personalidade e a abertura relacional estável para o mundo social e atuante (Coimbra de Matos, 2002).

Desta forma, é esperado nesta etapa de desenvolvimento, que os adolescentes se confrontem com um série de tarefas psicológicas que desafiam as suas capacidades para a descentração cognitiva e a tomada de perspetiva social, para a diferenciação e a integração psicológicas, com o objetivo de adquirir uma maior autonomia e simultaneamente construir relações de intimidade (Matos & Costa, 1996).

A adolescência é portanto um período de mudança, de múltiplas ruturas e de inúmeros paradoxos (Marcelli & Braconnier, 2005). Às mudanças físicas, psicológicas e sociais, acrescenta-se então este grande movimento, em termos relacionais, ligado à experiência de separação na infância, que tem como principal objetivo a reorganização e reestruturação de todo o indivíduo. Trata-se assim de um período de integração psíquica de todas as transformações corporais e relacionais (Matos, 2005).

Pode por isso ser, e recorrendo às palavras de Coimbra de Matos (2002, p.180), “um período estéril, apenas fixador do passado; mas também uma época extremamente fecunda de relançamento das coordenadas pessoais”.



## Capítulo 2. A Adolescência e o Processo de Separação-Individuação

Separação, independência e autonomia são frequentemente evocados em termos de construtos-chaves, ou tarefa de desenvolvimento básicas neste período do ciclo vital (Soares & Campos, 1988). É neste âmbito que a família tem sido ponto de referência constante na literatura sobre esta problemática.

“O desenvolvimento psicológico do adolescente é visto como sendo determinado pela sua capacidade em separar-se ou mover-se para fora da sua relação com os pais” (Soares & Campos, 1988, p.58). A adolescência é concebida como o tempo de separação da família necessária para possibilitar o estabelecimento de novos laços afetivos fora desta.

O processo de separação-individuação é o princípio organizador fundamental do crescimento humano que tem implicações para o funcionamento adaptativo ao longo da vida (Lapsley & Stey, s.d).

Freud foi um dos primeiros autores a enfatizar a separação dos objetos primitivos e o investimento em novos objetos, enquanto tarefa fundamental e dolorosa nesta etapa de desenvolvimento. Freud, em “Três Ensaios Sobre a Sexualidade” (1905/2000, p.234), considera esta fase “ a mais significativa e, também uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais”.

O enfãse no dilema entre a proximidade, necessidade de apoio, por um lado, a necessidade de separação, autonomia e construção da sua própria identidade, por outro lado, parece ser comum na maioria dos diversos autores. A necessidade de uma autoconfirmação e o desejo de se tornar autónomo encontram-se antagonizados pelos contínuos desejos de dependência e o desejo de certos privilégios, sem um sentido de obrigação e responsabilidade (Josselyn 1957/1960).

Para além disso, as diferentes perspetivas parecem igualmente enfatizar a emergência das competências emocionais, cognitivas e comportamentais, que tornam o adolescente progressivamente mais independente dos seus pais (Allen & Stoltenberg, 1995).

“A separação é antes de mais, interna” (Braconnier & Marcelli, 1998/2000, p.87). É necessário um trabalho de desidealização, que o adolescente deve enfrentar. Este implica um movimento de procura de um modelo fora da família.

De acordo com a teoria da vinculação, a qualidade da relação com as figuras parentais desempenha um papel fundamental na forma como os adolescentes se percebem

a si e aos outros, contribuindo a qualidade destes laços para o desenvolvimento da autoestima e dos laços que se constroem posteriormente com os pares (Rocha, Mota & Matos, 2011).

Desta forma, é de todo pertinente abordar a adolescência sob o ponto de vista da relação precoce (Rocha, Mota & Matos, 2011). A ideia que as experiências dos primeiros anos de vida são determinantes para o desenvolvimento futuro do indivíduo (Fonseca, 2007) e a necessidade básica do estabelecimento de uma relação afetiva estável continua e significativa, desde o início da vida, para o desenvolvimento integral de um sujeito prossiga harmoniosamente, parece hoje um dado aceite (Machado, 2009).

De acordo com Bowlby (1969/1990) a primeira relação de uma criança é a pedra fundamental sobre a qual constrói a sua personalidade. O autor parte do pressuposto que a observação de como uma criança pequena se comporta em relação à mãe, tanto na sua presente como, especialmente, na sua ausência, pode dar um enorme contributo para a compreensão do desenvolvimento da personalidade.

A adolescência é, portanto, “um tempo de aprendizagem do *tornar-se uma figura de vinculação*, mas um tempo em que *ser uma figura vinculada* é ainda vital (Jongenelen et al., 2009, p. 101). Assim, o comportamento de vinculação não desaparece com a infância mas persiste durante toda a vida, onde figuras antigas ou novas são escolhidas, mantendo-se com elas a proximidade e/ou a comunicação. Durante a adolescência e a vida adulta, ocorrem novas mudanças, incluindo a mudança das figuras para quem o comportamento é dirigido (Bowlby, 1969/1990). Se na infância as figuras de vinculação mais significativas tendem a ser os pais, na adolescência são geralmente os pares, frequentemente um companheiro amoroso, que preenchem as necessidades afetivas (Matos & Costa, 1996). De facto, na adolescência a procura de autonomia cria uma certa pressão, ainda que saudável, para a utilização dos pares como fontes preferenciais de apoio emocional, onde a procura de suporte é redirecionada para estes últimos, como similarmente acontece durante a infância, relativamente aos comportamentos dirigidos aos pais (Hazan & Zeifman, 1999).

Por vezes, estas manifestações físicas e emocionais de proximidade podem ser confundidas como retorno a estados anteriores de relacionamento não desejados (Matos & Costa, 1996). Simultaneamente, não existem, frequentemente, ainda pares, que preencham na totalidade as necessidades de segurança do adolescente (Matos & Costa, 1996). O adolescente encontra-se assim perante um desafio: deseja separar-se psicologicamente dos pais e afirmar a sua autonomia, no entanto não dispõe ainda de um outro sujeito

psicológico que lhe forneça uma base segura para explorar o mundo com confiança. Vinculação e autonomia não aparecem assim como dois polos opostos de um *continuum*, mas antes como dois processos dialeticamente complementares e interdependentes (Matos & Costa, 1996, p.48). Ainda que se assista a um movimento em direção aos pares durante o período da adolescência, os pais continuam a ser necessários e a exercer grande parte da influência no que diz respeito a decisões importantes relativas a valores, objetivos de vida e decisões sobre o futuro (Abrantes & Matos, 2010).

Como refere Jongenelen et al. (2009) é precisamente no encontro entre o “vir a ser” e o “ser” que se inscreve o núcleo da vinculação na adolescência. Este processo de vinculação ocorre com base nas transformações cognitivas, emocionais e comportamentais, as quais vão contribuir para uma maior diferenciação entre o Eu e o outro (Jongenelen et al., 2009).

Fleming (2005) propõe um modelo em dupla hélice, sobre o curso do desenvolvimento humano enquanto resultado da interação entre o processo de vinculação e o processo de separação-individação.

Com o objetivo de contrariar a visão tradicional que apresenta estas duas linhas como opostas, Fleming (2005) propõe uma visão integrada, definindo estes dois desenvolvimentos, como duas entidades interligadas: o estabelecimento do vínculo entre pais e filhos enquanto potenciador da separação-individação, que por sua vez estimula o sistema de vinculação, contribuindo isso para o afastamento e separação do indivíduo.

Na adolescência, a hélice da separação-individação seria a mais predominante, onde o valor da dependência e da vinculação aos pais é posto em causa, ao mesmo tempo que o valor da autonomia de atitudes e comportamentos, até então não realizados, começam a impor-se (Fleming, 2005). Assim, a adolescência é caracterizada pelo medo e o desejo de crescer – por um lado o medo da dependência, por outro, o desejo de crescer, de ter a sua própria autonomia. Tal como Braconnier e Marcelli (1998/2000, p.87) afirmam, “Duas necessidades contraditórias coabitam nele (adolescente) durante este longo período entre a infância e a idade adulta: a necessidade de separação e a necessidade de dependência”. Esta questão de autonomia, sendo importante ao longo de toda a vida, de acordo com a autora, ganha contornos particulares na adolescência, considerada uma tarefa de desenvolvimento psicológico extremamente importante e determinante neste período (Fleming, 2005).

Os trabalhos de Mahler e colaboradores permitiram a compreensão do processo de separação e individuação da criança com a sua mãe. A autora sublinha a importância da relação precoce, do seu impacto nas fases posteriores de desenvolvimento e das implicações patológicas. Este processo, pelo qual qualquer criança passaria, divide-se de acordo com Mahler (1982) em três fases principais: autismo normal, fase simbiótica e a fase de separação-individuação. Esta última por sua vez subdividia-se em quatro fases: diferenciação, exploração, reaproximação, constância do objeto libidinal.

De acordo com a autora, a separação permite a diferenciação entre a representação intrapsíquica do objeto e a representação do *self*, condutora da organização do indivíduo para a adaptação – o ego; a individuação permite estabelecer os limites intrapsíquicos e consiste nas aquisições que marcam o assumir das características individuais (Mahler, 1982).

Peter Blos (1967) retomando os conceitos de Mahler, propõe que a adolescência seria marcada por um segundo processo de separação-individuação.

A diferença entre este primeiro processo de separação-individuação na infância e o segundo processo de separação-individuação na adolescência poder ser resumida de acordo com Abrams e Goldman (1976) da seguinte forma: na fase precoce, a separação ocorre em termos de autonomia física, que contribui para a diferenciação psicológica, a passo que na fase posterior, a separação ocorre a um nível intrapsíquico.

O que na infância corresponde ao rompimento da membrana simbiótica para desabrochar um ser individual, na adolescência tal implica a rutura dos vínculos de dependência da família e a conseqüente mudança das relações objetais, para assim integrar a sociedade global (Blos, 1967). A meta a atingir nesta segunda individuação seria a maturação e aquisição de um sentimento de *self* com limites definidos. Se na infância dá-se a rutura da “membrana simbiótica”, na adolescência esta rutura é o espelho da perda da dependência familiar e o abandono dos laços objetais infantis (Blos, 1967).

Blos propõe que a adolescência seja dividida em cinco fases que representam uma seqüência ordenada do desenvolvimento psicológico que o indivíduo sofre; estas iriam desde a pré-adolescência até à pós-adolescência, sendo que as três fases intermediárias deste processo seriam a adolescência inicial, a adolescência propriamente dita e a adolescência final (Blos, 1967). O adolescente pode passar rapidamente por todas estas fases, ou pode desenvolver diversas variações em qualquer uma delas. No entanto, não pode deixar de parte as transformações psicológicas essenciais destas fases.

Na pré-adolescência, o indivíduo estaria envolvido com as mudanças corporais, com a descoberta do prazer sexual e início de uma separação em relação aos pais. Assim denota-se uma tentativa de se afastar das imagens parentais de modo a se aproximar de novas figuras que agora fazem parte da sua realidade. No decorrer da adolescência inicial (segunda fase de desenvolvimento) os adolescentes voltam-se para o objeto extrafamiliar libidinoso, ou seja, o “o processo genuíno de separação dos laços objetivos antigos tem início” (Blos, 1962/1998, p.102). Este processo de separação, atravessa várias fases até que, idealmente, culmina no estabelecimento de relações objetivas maduras. Na fase da adolescência propriamente dita, a procura de relações, assume novas formas, diferentes daquelas que predominaram nas fases precedentes. O abandono das posições narcísicas e bissexuais, caracteriza o desenvolvimento psicológico nesta fase. O final da adolescência é a fase de consolidação, um momento decisivo e de crise. É durante esta fase que a identidade sexual toma a sua forma final e a consolidação da personalidade traz uma maior estabilidade e uniformidade à vida emocional. Blos (1962/1998) refere que existe uma certa tendência a forçar a nossa atenção no resultado destes processos, esquecendo que estes podem ser mais ou menos completos, ou seja, que as mudanças que nele ocorrem são parciais. O autor afirma que por isso existem quase sempre vestígios das fases anteriores do desenvolvimento, o que explica as diferenças em termos de individualização que surgem no final da adolescência. Desta forma, a tarefa de desenvolvimento nesta fase é precisamente a elaboração de um ego unificado (Blos, 1962/1998).

O adolescente é desta forma confrontado com uma série de tarefas de desenvolvimento, sendo uma das principais tarefas a conquista da independência emocional e psicológica em relação aos pais. Este processo de se afastar da dependência em direção à interdependência é gerador de tensões e conflitos emocionais durante a adolescência (Tamar, et. al, 2006).

Diversos autores, tendo como base a teoria de Mahler, têm procurado contribuir empiricamente para a compreensão do desenvolvimento e a importância da separação na adolescência (Levpuscek, 2006). Alguns têm-se debruçado nas consequências do processo de separação-individuação na estrutura do ego na patologia Borderline (Masterson, 1972/1985), na importância da qualidade da relação da criança com a sua mãe e seu pai enquanto mediador das diversas dimensões do processo de separação-individuação (Jones et. al, 2003) e na relação entre a autopercepção e o processo de separação-individuação em gémeos adolescentes em comparação com irmãos não-gémeos (Fusun, Devrim & Sinem, 2012).

Outros estudos referem que o ajustamento psicológico na fase adulta está dependente da forma como a criança vivenciou as etapas psicológicas e fisiológicas do desenvolvimento, incluindo a fase autista, simbiótica, de separação-individuação e a constância do objeto libidinal (McClanahan & Holmbeck, 1992). Outros (Mahler & Kaplan, 1977, cit. por Levine, Green & Millon, 1986) sugerem que falhas durante a fase simbiótica e de exploração, impedem o desenvolvimento adequado de fontes internas e externas de narcisismo, respetivamente, deixando a sua marca nas tendências masoquistas e de autodesvalorização.

Um desenvolvimento normal acarreta um certo grau de separação em relação às figuras parentais, ao passo que um desenvolvimento patológico pode se manifestar através de uma separação drástica, ou pelo contrário, num relacionamento excessivamente dependente e íntimo, que envolve o medo do abandono. Yahav, Vosburgh & Miller (2007) abordam esta questão através do estudo de adolescentes com pais que sofrem de esclerose múltipla. Os autores referem que as mudanças provocadas por uma situação destas na estrutura familiar tendem a criar um conflito entre o adolescente e as necessidades dos pais. A doença obriga o adolescente a ceder com maior facilidade aos desejos do pai, uma tendência que entra em conflito com a necessidade de desenvolvimento do adolescente para se separar do mesmo, interferindo no seu próprio caminho para a independência (Yahav, Vosburgh & Miller, 2007).

Smolak e Levine (1992) procuraram compreender as consequências do processo de separação-individuação na psicopatologia dos comportamentos alimentares, associadas a disfuncionalidades familiares. Apesar complexidade e controvérsia em torno da investigação desta problemática, os dados confirmam a influência dos sistemas familiares nos comportamentos anoréticos e bulímicos (Smolak & Levine, 1992). Os adolescentes do sexo feminino com anorexia nervosa parecem ser mais dependentes dos seus pais e estes apresentam comportamentos excessivamente protetores em relação às suas filhas (Smolak & Levine, 1992). Por outro lado, na bulimia há um forte desejo de independência, face a uma família hostil e emocionalmente negligente (Smolak & Levine, 1992).

Noutro estudo, Quintanna e Kerr (1993) concluíram que a ansiedade de separação, ansiedade de destruição e negação da dependência, estão associadas a queixas depressivas. Mais concretamente, os adolescentes cujas relações interpessoais são caracterizadas pela ansiedade de destruição, pelo medo de rejeição ou pela negação da dependência, tendem a apresentar sintomatologia depressiva, ao contrário dos jovens cujas necessidades interpessoais estão satisfeitas e as relações que estabelecem são gratificantes.

### **Capítulo 3. As Experiências Depressivas na Adolescência**

De acordo com a OMS (2002), a depressão é atualmente a principal causa de incapacitação e ocupa o quarto lugar entre as dez principais causas de patologia, a nível mundial. Segundo as projeções, nos próximos 20 anos, caberá à depressão, a duvidosa distinção de ser a segunda das principais causas de doenças no mundo (OMS, 2002).

Hoje, a depressão é estimada a afetar 350 milhões de pessoas e afeta as pessoas em todas as comunidades e em todo o mundo (Marcus et al., 2012). A Pesquisa Mundial de Saúde Mental realizada em 17 países constatou que, em média, cerca de 1 em cada 20 pessoas relataram ter um episódio de depressão no ano anterior (Marcus et al., 2012). Os transtornos depressivos muitas vezes começam em tenra idade e de forma cada vez mais recorrente. Por estas razões, a depressão é considerada a principal causa de incapacidade no mundo (Marcus et al., 2012).

Vários são os autores que têm contribuído para compreensão da depressão de um ponto de vista psicanalítico. Um dos contributos iniciais para o estudo, nomeadamente da melancolia, foi de Freud com publicação da obra “Luto e Melancolia”, em 1917. O autor parte da comparação da melancolia com o processo de luto normal. Relativamente às semelhanças entre estes dois, Freud (1917) refere que em ambos se observam uma perda de interesse pelo exterior e uma incapacidade de investimentos em novos objetos. No entanto, tece algumas considerações sobre as diferenças entre ambos os processos. O luto, de modo geral, é a reação à perda de por exemplo alguém próximo. De acordo com Freud (1917) esta perda, implica um trabalho de luto que resumidamente operaria da seguinte forma: o teste da realidade, ao revelar que o objeto não existe mais, passa a exigir que toda a libido seja retirada das suas ligações com o mesmo. Normalmente prevalece o respeito pela realidade, ainda que este não seja realizado de imediato, mas sim progressivamente, com um grande gasto de tempo e de energia psíquica, que se prolonga até esse objeto continuar a existir psiquicamente. Por outro lado, na melancolia a perda do objeto permanece num plano inconsciente, tornando-se extremamente difícil reconhecer o que se perdeu (Freud, 1917).

Mais recentemente, nas últimas duas décadas a depressão começou a ser vista como um estado afetivo disfórico, variável ao longo de um contínuo desde uma resposta ligeira, mais ou menos adequada, a acontecimento negativos, até uma perturbação crónica grave (Blatt & Levy, 1998, cit. por Campos, 2009). Esta perspetiva está de acordo com a

hipótese de continuidade, que define esta perturbação como um fenómeno complexo que emerge de acontecimentos disruptivos em sujeitos vulneráveis a deprimirem-se.

Assim, para “compreender o que é a depressão, não tanto do ponto de vista dos seus sintomas mas do ponto de vista do funcionamento interno, é indispensável tentar compreender como se articula ou se insere na personalidade.” (Campos, 2009, p.13)

Tendo em consideração a dificuldade em conceptualizar diferentes tipos de depressão, devido à grande diversidade de sintomas, Blatt preocupou-se sobretudo com a distinção de experiências depressivas e não tanto com o tipo ou gravidade dos sintomas (Campos, 2009).

Blatt (1990, p.299) conceptualizou desta forma o desenvolvimento normal da personalidade em torno de duas linhas fundamentais que interagem e evoluem ao longo da vida: “o desenvolvimento da capacidade em estabelecer relações interpessoais satisfatórias e maduras e, o desenvolvimento de uma coesa, realista, essencialmente positiva, diferenciada e integrada autodefinição e identidade”.

Relações interpessoais significativas e satisfatórias contribuem para o desenvolvimento do conceito de *self* e, por sua vez, um *self* diferenciado e integrado permite estabelecer relações mais maduras e gratificantes (Blatt, 1990). A coordenação e integração destas duas linhas, assume desta forma, um papel fundamental no desenvolvimento ideal da personalidade, no bem-estar físico e psicológico e na redução do *stress* (Campos, Besser & Blatt, 2010).

Desvios neste desenvolvimento normal podem configurar a psicopatologia em geral e em particular a depressão (Blatt, 1990).

Para uma compreensão mais completa do fenómeno depressivo, é fundamental existir uma análise da estrutura de personalidade que está subjacente a este, do funcionamento psíquico e das experiências depressivas internas (Campos, 2000).

A propósito da estrutura da personalidade, Blatt (1974) pressupõe que a dependência e o auto-criticismo constituem duas dimensões desta, bem como dois fatores de vulnerabilidade à depressão. Assim, de acordo com a conceptualização do autor, os indivíduos com um estilo de personalidade dependente teriam uma maior tendência a vivenciar estados depressivos quando confrontados com eventos de vida stressantes da esfera interpessoal, como por exemplo rejeições, abandonos e perdas (Shahar, et al., 2004a). Por outro lado, os indivíduos com um estilo autocrítico seriam mais vulneráveis a acontecimentos da esfera relacional e da autodefinição (Shahar, et. al, 2004). Os primeiros apresentariam depressões anaclíticas ou de dependência e os segundos, depressões



introjectivas ou de auto-criticismo. Aparentemente, ambos os indivíduos, tenderiam a desenvolver uma estrutura da personalidade assente numa organização defensiva (Shahar, Blatt & Ford, 2003).

Estas duas dimensões da personalidade permitem fazer a distinção entre a depressão anaclítica e a depressão introjectiva (Blatt, 1974). A primeira é caracterizada por sentimentos de solidão, desamparo e fraqueza. Estes indivíduos têm desejos profundos de serem amados e protegidos (Blatt, 1998). Porque não houve internalização das experiências de gratificação ou das partes boas do objeto, os outros são sobretudo objetos onde o indivíduo procura a satisfação e conforto imediatos (Blatt, 1998). O medo da separação e perda de objeto é de tal forma intenso, que os indivíduos recorrem frequentemente a mecanismos de defesa de natureza mais arcaica, como a negação e/ou através de uma procura desesperada por substitutos (Blatt, 1998). A depressão introjectiva, pelo contrário, é caracterizada por sentimentos de inferioridade, culpa e fracasso. Estes indivíduos esforçam-se excessivamente para a autorrealização e perfeição, pelo que são muitas vezes altamente competitivos, rigorosos e exigentes consigo próprios (Blatt, 1998). Devido à sua intensa competitividade, tendem a ser igualmente muito críticos em relação aos outros (Blatt, 1998).

São diversos os estudos que se têm debruçado sobre o tema e contribuído para a sua compreensão teórica e prática. Campos (2010) procurou estudar a relação entre os quatro tipos de experiências depressivas conceptualizadas por Blatt colaboradores: o auto-criticismo e a dependência e a *necessidade* e o *contacto*, como subdimensões, dentro da dimensão de dependência; e os mecanismos de defesa, de acordo com a perspectiva de Ihilevich e Gleser (1986, cit. por Campos, 2010). Outras investigações procuraram estudar os dois tipos de experiências depressivas, auto-criticismo e dependência, com as associações com as dificuldades percebidas dos pais e dos adolescentes com depressão (Frank et al. 1997) e com o modelo dos 5 fatores da personalidade (Zuroff, 1994).

Campos, Besser e Blatt (2010) investigaram um modelo teórico baseado na percepção dos participantes relativamente às relações precoces com a sua mãe, auto-criticismo, dependência e sintomas depressivos. Neste estudo os resultados sublinharam o papel das primeiras relações percebidas na vulnerabilidade à depressão, destacando o papel negativo desempenhado pela percepção das práticas disfuncionais precoces, caracterizado por baixos níveis de cuidados e níveis altos de superproteção.

A partir de várias perspectivas teóricas e de diferentes metodologias de pesquisa, vários autores têm investigado o papel da relação pais-filhos na etiologia da depressão.

Blatt et al. (1979) referem que os pacientes deprimidos relatam que quando eram crianças os seus pais eram insensíveis, indisponíveis ou excessivamente intrusivos e incapazes de tolerar a autonomia e a sua independência. Usando uma descrição aberta dos pais e um procedimento de classificação mais estruturada, os autores avaliaram a relação entre as descrições de pais e os aspetos da depressão em 121 estudantes universitários. Os resultados apontam para uma relação significativa entre depressão, os tipos de experiências depressivas e as qualidades atribuídas aos pais. Os autores concluem que o conteúdo e o nível cognitivo das representações dos pais pode ser uma dimensão central na depressão.

Noutro estudo, Blatt e Homman (1992) exploraram como determinados padrões de relação entre pais e filhos, podem criar uma vulnerabilidade à depressão na idade adulta. Os autores pressupõem que uma vinculação insegura conduz a uma busca constante de confiança, apoio e, uma antecipação da rejeição e crítica, produzindo níveis muito baixos de autoestima e uma maior necessidade de reconhecimento. Blatt e Homman (1992) concluem existir uma relação entre a vulnerabilidade à depressão e um estilo de vinculação inseguro, nos adolescentes dependentes e autocríticos. De facto outros estudos (Yao et al., 2009) parecem suportar a hipótese de que o auto-criticismo e a dependência são uma das características mais evidentes na depressão.

Outras investigações (Campos, Besser & Blatt 2010) acrescentam ainda que as primeiras relações caracterizadas por baixos níveis de cuidados e superproteção estão associadas à sintomatologia da depressão. Os dados obtidos também indicam que os níveis elevados de auto-criticismo parecem estar relacionados com as experiências percebidas da relação precoce entre mãe-filho e a depressão atual. Os resultados deste estudo confirmam assim o papel mediador do auto-criticismo na perceção do relacionamento precoce com a mãe e os sintomas depressivos atuais.

Shahar et al. (2004) numa das suas investigações concluíram que o desenvolvimento de um autoconceito coerente e estável, depende do estabelecimento de uma confiança básica nas relações precoces entre pais e filhos. Consequentemente, um autoconceito estável e coerente, permite um maior envolvimento em relações interpessoais maduras e complexas.

Stadelmann et al. (2010) afirmam que família representa um contexto altamente importante para a compreensão do desenvolvimento psicopatológico. Segundo a OMS

(2002, p.20) “a relação da criança com os seus pais, ou outros prestadores de cuidados, durante a infância tem um carácter crítico” no desenvolvimento de perturbações mentais. Assim e de acordo com os modelos psicodinâmicos de desenvolvimento, o processo de separação-individuação irá desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade durante a infância, adolescência e fase adulta (Kins, Soenens & Beyers, 2011).

A investigação clínica tem vindo desta forma a demonstrar que a separação das figuras das quais se depende afetivamente tem influência no equilíbrio emocional de qualquer sujeito, apresentando repercussões ao longo de todo o desenvolvimento, com especial relevo na adolescência (Fleming, 2005). Como refere (Marcelli, 1990/2002, p.143) “é no estudo das possibilidades de o adolescente separar as suas representações intrapsíquicas do objeto, por um lado, e do objeto de desejo, por outro” que reside a articulação entre a depressão e o trabalho psíquico de separação nesta etapa de desenvolvimento

Ainda que o fenómeno seja inegável, o termo depressão na adolescência coloca alguns problemas (Pardinielli & Bernoussi, 2004/2006). Em termos epidemiológicos, segundo os critérios de classificação como DSM, é possível encontrar diferentes perturbações depressivas, contudo esta poder-se-á manifestar de formas equivalente como a agressividade ou a passagem ato (Pardinielli & Bernoussi, 2004/2006). Por este motivo, os autores propõem falar em estados depressivos, em vez do conceito descritivo de depressão. De acordo com a definição dos autores “trata-se de um estado e, não de um modo de organização psíquica como a neurose ou a psicose, muitas vezes transitório, cuja frequência é elevada e que é suscetível de se combinar com outras patologias” (Pardinielli & Bernoussi, 2004/2006, p.9). No mesmo sentido, Marcelli (1990/2000) já havia procurado aprofundar a relação da depressão com a adolescência e a sua existência durante este período, em que propõem a distinção entre “depressão-flutuação afetiva normal de toda a adolescência” e a “depressão-episódio patológico” (p.11).

De facto existe na literatura referência a uma série de processos/tarefas/fatores, que estariam implícitos no trabalho psicológico necessário durante a adolescência. Uma das tarefas essenciais nesta etapa de desenvolvimento é frequentemente comparável com o processo de luto. Primeiramente o luto do corpo infantil, que corresponde à perda das características sexuais primárias e à irrupção de grandes tensões no interior do corpo do adolescente (Marcelli, 1990/2000; Delaroche, 2005/2006), Em segundo lugar, será essencial fazer o luto pela bissexualidade infantil, que corresponde à escolha de um novo

objeto de amor, e por último, o luto do vínculo edipiano, que envolve o desinvestimento dos aspetos edipianos dos pais, e um reinvestimento numa nova relação (Dias & Vicente, 1984; Marcelli, 1990/2000; Delaroche, 2005/2006). Dias e Vicente (1984) acrescentam o *luto pela fonte de segurança*, que corresponde ao luto não desejado, mas necessário, da “mãe-refúgio” (p.55), ao qual se associam sentimentos de culpabilidade; o *luto do Ideal do Eu*, que consiste na desidealização das imagos parentais e onnipotentes, que constituíam até então as fontes do Ideal do Eu; o *luto pelo grupo*, que tem um papel importante na escolha do objeto exogâmico (Dias & Vicente, 1984).

Desta forma, à problemática da separação está associada a problemática psicológica da perda, no sentido de perder aquilo de que o adolescente se separa e, os afetos que lhes são característicos, como a tristeza, angústia de separação, vazio, revolta e hostilidade (Fleming, 2005). A reação normal a esta perda traduz-se de acordo com Fleming (2005) pelo trabalho de luto, que elaborado, permite a aquisição de novas competências e o investimento em novos desafios e objetos, uma vez que pressupõe o desinvestimento do objeto perdido.

Segundo Dias e Vicente (1984), estes lutos tornam evidente, que é durante a adolescência, que o aparelho psíquico opera as transformações mais importantes, a que se associam sentimentos de culpa, perda, que consequentemente geram afetos depressivos. Assim, os autores defendem a inerência de experiências depressivas ao processo de desenvolvimento juvenil.

Partindo deste ponto de vista, as oscilações do humor e dos afetos, frequentemente observadas, podem resultar de uma predisposição do indivíduo a experimentar emoções e afetos de natureza depressiva (Marcelli, 2002). As perdas com as quais o adolescente se confronta, o problema da gestão da agressividade e culpabilidade, a rutura do equilíbrio entre os investimentos objetivos e os investimentos narcísicos, estariam na base do processo adolescente e da psicopatologia das depressões (Marcelli, 2002).

Melanie Klein foi um dos autores com extrema importância na compreensão entre a relação entre a normalidade e patologia, e as experiências depressivas na infância. A autora considerou essencialmente duas posições: a esquizoparanoíde e a depressiva (Klein, 1932). O núcleo da posição esquizoparanoíde é definido pela relação dinâmica entre as ansiedades e os mecanismos de defesa. Posteriormente suceder-se-ia a posição depressiva, caracterizada pela nova perceção e consequente integração de um objeto inteiro e único. Nesta fase, a criança é capaz de compreender que a fonte de prazer e desprazer é a mesma, o que origina um conflito de ambivalência de sentimentos, pois a mãe a quem a criança

direcionou seus impulsos mais agressivos é a mesma a quem direciona amor e teme perder (Klein, 1932). Tal ambivalência, é geradora de angustias, que resultam do medo de que as pulsões, destruam o objeto que ama e do qual está totalmente dependente. De acordo com Dias e Vicente (1984) a não resolução desta fase, resultaria numa fixação à problemática da angústia depressiva e nas fases posteriores de desenvolvimento a um luto patológico ou depressão.

A evolução no sentido normal ou no sentido mais patológico dependerá da capacidade de o adolescente se poder deprimir, de sentir a e elaborar os afetos associados à perda. Segundo Fleming (2005) esta seria a condição básica para o curso do desenvolvimento seguir o seu caminho normal, longe da depressão. De acordo com Dias e Vicente esta evolução está dependente da capacidade de “reparação que o Eu adolescente é capaz de experimentar” (Dias & Vicente, 1984, p.61). Se este mecanismo egóico a que o adolescente recorre tem êxito, então poder-se-á esperar que a repetição da experiência da perda tornará possível uma progressiva assimilação de um bom objeto. Se pelo contrário, a esta nova perda estão associadas vivências que se aproximam do luto patológico, então de acordo com Dias Cordeiro (cit. por Dias & Vicente, 1984) este luto será acompanhado por uma regressão à clivagem dos objetos relacionais e por uma ambivalência patológica perante esses objetos ou outros que o adolescente introjetara.

Fleming (2005) refere a implicação de afetos ligados à depressão normal, que estariam inerentes ao processo de desenvolvimento psicológico adolescente, como a tristeza e sentimentos de infelicidade. Outros autores como Braconnier e Marcelli (1998/2000) acrescentam outras manifestações emocionais e afetivas, que em si mesmas, nada têm de patológico, como a lentificação e o “mau-humor”. Os autores distinguem o abatimento da depressão propriamente dita. Os adolescentes invadidos pelo abatimento, apesar do tédio e do desânimo, são capazes de dar continuidade às suas atividades e não ficam imobilizados nas diversas áreas das suas vidas. Em oposição, na depressão a intensidade das manifestações é diferente. Não se trata de uma simples lentificação ou tédio mas de uma autêntica tristeza, acompanhada por um sentimento de sofrimento moral e uma tendência a culpabilizar-se sobre o que foi tido ou feito (Braconnier & Marcelli, 1998/2000).

Pelo contrário, a depressão patológica na adolescência é o sinal mais frequente da adolescência que não segue o seu curso natural (Coimbra de Matos, 2002). Perante o sentimento de abandono e solidão, o comportamento de cada adolescente será muito diverso, variando de acordo com as adaptações possíveis ou com a elaboração que se faça

desse luto. A depressão instala-se habitualmente após um período de uma separação-autonomia e individualização insuficientemente assumidas, em que o adolescente aparentemente se autonomizou, mas que inconscientemente permanece fortemente ligado aos objetos da infância (Coimbra de Matos, 1987).

Fleming (2005) conceptualiza a depressão patológica pela reação patológica à perda com introjeção ambivalente do objeto perdido, tornando-se o ego adolescente mais vazio, sem nada que o torne digno de ser gostado e estimado (Fleming, 2005). A autora concebe ainda a depressão patológica pela incapacidade de tolerar os afetos associados à perda, de senti-los e elaborá-los. A depressão patológica exprime assim uma intolerância do Eu adolescente ao trabalho de luto, que se traduziria não pela turbulência emocional, mas pela estagnação (Fleming, 2005).

Marcelli (1990/2002) refere que o adolescente deprimido é capaz de reconhecer a perda, mas “fica fixado às marcas dessa perda” (p.127), recusando implicar-se no trabalho de distanciação e de desilusão em relação ao objeto edipiano. De acordo com o autor a depressão na adolescência, constitui um modelo clínico que possibilita observar as estratégias que o sujeito dispõe para fazer face à separação que surge como um fantasma de perda, bem como as transformações afetivas e representacionais que ele aceita ou recusa efetuar, quando esta perda é reconhecida.

A adolescência é portanto o período no qual o aparelho psíquico opera algumas das mudanças mais importantes, que por sua vez acarretam em si profundos sentimentos de perda, geradores de afetos depressivos (Dias & Vicente, 1984). De acordo com os autores não parece existir adolescência normal sem depressão, sendo as formas patológicas destas, decorrentes de um *deficit* da capacidade de tolerância do Eu ao luto.

Compreender e avaliar o que é normal ou patológico na adolescência é saber o significado adaptado do sintoma ou comportamento em causa (Coimbra de Matos, 2002). Por outras palavras é compreender o seu sentido significante enquanto modelador da personalidade e o esforço de integração do curso da sua história.

## PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

### Capítulo 4. Objetivos e Hipóteses

A presente investigação pretende contribuir para a compreensão da forma como foi vivido o processo de separação-individuação e as consequências do mesmo no período da adolescência. Desta forma, pretende-se perceber a relação entre os efeitos residuais do processo de separação-individuação associado à vivência de estados depressivos na adolescência.

**Objetivo geral:** Compreender a relação entre o processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência.

#### **Objetivos específicos:**

**Objetivo 1:** Analisar as dimensões do processo de separação-individuação na adolescência em função das variáveis sociodemográficas: Sexo, Idade e Sucesso Escolar.

**Hipótese 1:** Espera-se que existam diferenças significativas nas subescalas Práticas de Espelho (Tamar, et. al, 2006; Lapsley, Rice & Shadid, 1989), Ansiedade de Aproximação (Levpuscek, 2006; Quintana & Ker, 1993) e Negação da Dependência (Lapsley, Rice & Shadid, 1989; Gnaulati & Heine, 2001, em função do sexo, sendo mais elevada nos indivíduos do sexo masculino.

**Hipótese 2:** Espera-se que existam diferenças significativas nas subescalas Ansiedade de Separação, Procura de Cuidados em função da idade, sendo mais elevadas nos indivíduos com idades compreendidas entre os 13-14 anos, comparativamente com o grupo 15-16 anos (Geda, 1992; Levpuscek, 2006).

**Hipótese 3:** Espera-se que existam diferenças significativas na subescala Separação Saudável, sendo mais elevada no grupo de adolescentes com 17 e 18 anos comparativamente com o grupo de 15 e 16 anos de idade (Geda, 1992).

**Hipótese 4:** O grupo Insucesso escolar, conceptualizado por uma ou mais reprovações, tende a ter resultados mais baixos na subescala Separação Saudável (Geda, 1992).

**Objetivo 2:** Analisar as dimensões das experiências depressivas na adolescência em função da variável sociodemográfica Sexo.

**Hipótese 5:** Espera-se que existam diferenças significativas na escala de Dependência em função do sexo, sendo mais elevada nos indivíduos do sexo feminino (Chevron et al., 1978; Zuroff et al., 1990; Blatt et al., 1992b; Campos, 2000a, 2009).

**Hipótese 6:** Existem diferenças significativas na escala de Auto-Criticismo em função do sexo, sendo mais elevada nos indivíduos do sexo masculino (Shahar, Gallagher, Blatt, Kuperminc & Leadbeater, 2004; Campos, 2000; Campos & Morgado, 2012; Zuroff, Quinlan & Blatt, 1990).

**Objetivo exploratório 3:** Analisar a relação entre as dimensões do processo de separação-indivuação e as experiências depressivas na adolescência.

**Hipótese exploratória 7:** Espera-se uma interação entre o fator Dependência do QED-A e a subescala Procura de Cuidados do SITA. Os adolescentes com fortes necessidades de ligação às figuras parentais, e que antecipam a gratificação dessas necessidades, pressupõem-se que tendem a desejar intensamente estar próximo do outro.

**Hipótese exploratória 8:** Espera-se uma interação entre o fator Auto-Criticismo do QED-A e as subescalas Aproximação a Pares, Aproximação a Professores do SITA. Os adolescentes com elevada autocrítica, pressupõe-se que tendem a procurar relações próximas com os pares, como forma de obter aceitação e aprovação.

**Hipótese exploratória 9:** Espera-se uma interação entre o fator Eficácia do QED-A e a subescala Separação Saudável do SITA. O adolescente que se sentem independentes, orgulhosos e satisfeitos com as suas próprias realizações, pressupõe-se que fizeram progressos significativos na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-indivuação.



## Capítulo 5. Metodologia

### 5.1 Participantes

No quadro 1 apresenta-se a caracterização da amostra, em termos de variáveis sociodemográficas.

Verifica-se que a amostra é composta por 152 participantes, 32,2% do sexo masculino e 67,8% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, com uma sobrerrepresentação da idade de 16 anos, que corresponde a 39,5% dos sujeitos da amostra. A maior parte dos participantes frequenta o 10º ano de escolaridade (54,6%) verificando-se uma minoria dos sujeitos que frequenta o 7º ano (0,7%), 8º ano (1,3%) e 12º ano (0,7%). Quanto ao número de reprovações, 77% dos integrantes da amostra nunca reprovou, 19,1% reprovou uma vez, 3,3% reprovou duas vezes e 0,7% reprovou três vezes.

Relativamente ao agregado familiar verifica-se que 65,8% dos pais são casados e 30,9% são divorciados, sendo que 64,5% vive com ambos os pais, 32,9% vive apenas com a mãe, 1,3% vive apenas com o pai e 1,3% não vive nem com a mãe nem com o pai. Porém, não foi possível caracterizar o contexto familiar em função das médias de idades, escolaridade e profissão dos pais, pois o número de respostas obtido foi extremamente reduzido.

**Quadro 1:** Características Sociodemográficas dos participantes.

Variáveis	N	%
<b>Sexo (n=150)</b>		
Masculino	47	31,3
Feminino	103	68,7
<b>Idade (n=152)</b>		
14	11	7,3
15	39	26
16	59	39,3
17	41	27,3
<b>Número de reprovações (n=150)</b>		
0	115	76,7
1	29	19,3
2	5	3,3
3	1	0,7

**Quadro 1:** (continuação)

Variáveis	N	%
<b>Estado civil dos pais (n=150)</b>		
Casados	98	65,3
Divorciados	47	31,3
Outras situações não especificadas	5	3,3
<b>Agregado Familiar (n=150)</b>		
Viver com ambos os pais	96	64
Viver só com a mãe	50	33,3
Viver só com o pai	2	1,3
Outras situações não especificadas	2	1,3

## 5.2 Instrumentos de medida

Nesta investigação foram utilizados dois instrumentos de medida: a tradução e adaptação portuguesa do Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A; Morgado & Campos 2011), baseado no Questionário de Experiências Depressivas (QED) de Blatt e colaboradores (1976) e o Teste de Separação-Individuação para a adolescência, (SITA; Levine & Saintonge, 1993; tradução de Sousa, Branco & Biscaia). Complementarmente construiu-se um questionário Sociodemográfico para a caracterização da população em estudo.

### 5.2.1 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico (veja-se Anexo I) tem como objetivo recolher dados acerca dos participantes que permitam caracterizar a amostra do estudo em termos de características sociodemográficas: sexo, idade, ano de escolaridade e reprovações.

### 5.2.2 Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A; Morgado & Campos 2011)

O Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A) (veja-se Anexo II) é baseado na versão para adultos do Questionário de Experiências Depressivas (QED) de Blatt, Shaffer, Bers e Quinlan (1992) e permite avaliar a vivência de estados depressivos, que habitualmente não configuram o quadro clínico da depressão. Quarenta e

três dos 66 itens do QED foram rephraseados e simplificados para se tornarem apropriados para os adolescentes dos 12 aos 18 anos de idade.

A análise fatorial da versão original, permitiu a extração de três fatores ortogonais: Dependência, Auto-criticismo e Eficácia.

O fator «*Dependência*» pretende avaliar a necessidade de obter e garantir relações interpessoais próximas, de cuidado e proteção. Os itens expressam uma dimensão mais externa e envolvem assuntos como a preocupação com ser abandonado ou rejeitado, ou com perder os outros, sentir-se sozinho e desamparado e querer estar próximo e depender dos outros.

O fator «*Auto-criticismo*» diz respeito à tendência em adotar padrões elevados de autodefinição e uma postura punitiva em relação ao *self*, quando esses padrões não são alcançados. Os itens estão relacionados com uma dimensão mais interna e expressam preocupações com sentir culpa, vazio interno, desesperança, insatisfação, insegurança e o sentimento de não ter estado à altura das expectativas e dos objetivos.

O fator «*Eficácia*», reflete a capacidade de ser capaz de assumir responsabilidades, ser confiante, independente e sentir-se orgulhoso e satisfeito com as suas próprias conquistas. Os itens envolvem confiança sobre as capacidades e recursos do próprio, o sentimento de ter força interior e ser capaz de assumir responsabilidades.

As respostas aos itens são dadas numa escala de Likert de 7 pontos, correspondendo o 1 a *discordo totalmente*, o 7 a *concordo totalmente*, e o 4 ao ponto médio.

Na versão original, o Questionário apresenta valores de *alpha* de Cronbach de 0.90, 0.82 e 0.79 para o fator Dependência, de Auto-criticismo e de Eficácia, respetivamente. No que se refere à consistência interna da versão portuguesa, concluiu-se que as 3 escalas estão a medir de forma consistente os constructos que pretendem medir. Os valores de *alpha* de Cronbach para cada um dos fatores, Dependência, Auto-criticismo e Eficácia são, respetivamente, 0.85, 0.68 e 0.71. Na presente investigação os valores para cada um dos fatores são de 0.86, 0.70 e 0.70.

### **5.2.3 Teste de Separação-Individuação para a adolescência (SITA)**

O Teste de Separação-Individuação para a adolescência, SITA (Separation-Individuation Test of Adolescence) de Levine, Green e Millon (1986) assenta na perspetiva de Peter Blos (1967) – segundo processo de individuação na adolescência –,

baseada nas conceptualizações de Mahler (1968, 1975/1993). Os autores procuraram construir um instrumento de psicodiagnóstico que medisse resoluções específicas, das fases de separação-individuação originalmente descritas por Mahler, tal como elas se expressam em períodos de desenvolvimento tardios, como a adolescência.

Assim, com o objetivo de estudar de forma mais sistemática a noção de que as etapas de desenvolvimento específicas da primeira separação-individuação, são os precursores do desenvolvimento na adolescência e estrutura de personalidade do adulto, foi conceptualizado um instrumento que pretende medir as resoluções de cada etapa do processo de Separação-Individuação proposto por Mahler, e como estas se podem expressar durante os períodos de desenvolvimento posteriores.

Três funções principais foram pensadas para este instrumento. Primeiro, ele pode servir como uma medida de critério externo para estudos que tentam analisar objetivamente as hipóteses expondo uma relação entre os processos de separação-individuação, o desenvolvimento do adolescente e a estrutura da personalidade. Em segundo lugar, a construção bem-sucedida de uma escala deste género permitiria validade de construto para as fases de desenvolvimento específicas, descritas por Mahler, bem como para a noção de que elas se voltam a manifestar durante a adolescência. Em terceiro lugar, este instrumento aplicado a uma população clínica, poderia complementar outras medidas de avaliação com dados particularmente relevantes para a esfera das relações interpessoais do adolescente (Levine, Green & Millon, 1986).

No desenvolvimento da SITA os autores (Levine, Green & Millon, 1986) procuraram delinear os pontos-chave da teoria de Mahler, com particular referência aos pontos de fixação que conduzem a psicopatologia e aos marcos que significam uma progressão saudável, e ainda recorrer a autores que se destacaram no estudo da adolescência e da separação-individuação (Erikson, Blos, Esman, Weiner), o que lhes permitiu identificar seis dimensões básicas da separação-individuação na adolescência:

A subescala «*Procura de Cuidados (Nurturance Seeking)*», descreve os indivíduos com fortes necessidades de ligação às figuras parentais, e que antecipam a gratificação dessas necessidades ou que aliam sentimentos positivos a essa gratificação. É suposto avaliar os efeitos residuais da fase simbiótica do processo de separação-individuação.

A subescala «*Ansiedade de Aproximação (Engulfment Anxiety)*», descreve os indivíduos com receios de serem controlados ou absorvidos pelos outros significantes, ou de perder a sua autonomia e independência. É suposto medir os efeitos residuais do medo

de destruição do eu, característico da fase de reaproximação do processo de separação-individação.

A subescala «*Ansiedade de Separação (Separation Anxiety)*», descreve os indivíduos com fortes medos associados à perda do contacto físico ou emocional com os outros significativos, que se expressão habitualmente sob forma de ansiedade face à expectativa de rejeição ou abandono. É suposto avaliar os efeitos residuais da ansiedade de separação vivida na fase de reaproximação do processo de separação-individação.

A subescala «*Negação da Dependência (Dependence Denial)*», descreve os indivíduos que evitam ou negam a necessidade de dependência, enquanto defesa contra a ansiedade de separação. Pretende medir as manifestações deste estilo defensivo na adolescência, que surge numa fase precoce do processo de separação-individação.

A subescala «*Narcisismo (Self-Centeredness)*», descreve os indivíduos que possuem um elevado grau de narcisismo e auto-centração, que são simultaneamente reforçados pelo elogio e admiração dos outros significativos. É suposto avaliar os efeitos residuais da fase de exploração do processo de separação-individação.

A subescala «*Separação Saudável (Health Separation)*», descreve os indivíduos que fizeram progressos significativos na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-individação. É suposto avaliar os efeitos residuais da fase de consolidação da individuação na infância, e o reviver dessa fase durante a adolescência.

Apesar de existir uma versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Geada (1992), a presente investigação optou-se por utilizar a versão traduzida de Sousa, Branco e Biscaia (veja-se Anexo III), cuja adaptação está atualmente em curso, sendo que para a qual este estudo irá dar o seu contributo. A presente tradução foi feita da versão mais recente do instrumento de Levine e Saintonge (1993).

Em 1993, Levine e Saintonge utilizaram o SITA numa população clínica. Apresentam-na como uma das medidas das dimensões do comportamento de vinculação no adulto e no adolescente. Descrevem-na como sendo constituída por 86 itens, distribuídos por nove escalas (veja-se Anexo IV): *Practicing-Mirroring* (esforços narcisistas); *Need Denial* (Negação das necessidade de vinculação); *Separation Anxiety* (os outros são experienciados como abandonicos); *Peer Enmeshment* (procura de relações próximas com os pares); *Engulfment Anxiety* (a intimidade é experienciada como engalfinhamento); *Nurturance Seeking* (forte vínculo ao prestador de cuidados); *Teacher Enmeshment* (procura de relações próximas com os professores); *Healthy Separation*

(balanço flexível entre esforços de dependência e independência); *Rejection Expectancy* (os outros significativos são sentidos como insensíveis e hostis).

A Subescala 1 é composta por 15 itens; a Subescala 2 por 12 itens; a Subescala 3 por 14 itens; a Subescala 4 por 8 itens; a Subescala 5 por 7 itens; a Subescala 6 por 8 itens; a Subescala 7 por 8 itens; a Subescala 8 por 7 itens; a Subescala 9 por 12 itens.

As respostas aos itens são dadas numa escala de Lickert de 5 pontos, correspondendo o 1 a *discordo totalmente* e o 5 a *concordo totalmente*.

A presente forma da SITA difere da descrita em 1986 de três formas: (1) A subescala «*Enmeshment Seeking*» foi dividida em duas subescalas: «*Enmeshment Peer*» e «*Enmeshment Teacher*». Esta escala foi extraída da subescala «*Nurturance-Symbiosis*», escala original de 1986, que se dividiu em três subescalas que remetem para a procura de cuidados na relação filio-parental e a procura de cuidados fora da relação filio-parental. (2) Foi criada uma nova escala «*Rejection Expectancy*» com 15 novos itens, derivada teoricamente de Kernberg (1975), com características defendidas por este autor como típicas das fases precoces de separação-individuação de futuros pacientes com patologias narcísicas e borderline; (3) A subescala «*Self-Centeredness*» teve o seu nome modificado para «*Practicing-Mirroring*», de forma a melhor descrever os conceitos abrangidos e a corresponder à terminologia Mahleriana usada para descrever a fase de separação-individuação a que esta subescala remete.

Como é possível observar no quadro 2, Levine, Green e Millon (1986) encontraram para as subescalas do SITA um *alpha* de Cronbach acima de 0.70 com exceção para a subescala de Ansiedade de Separação e Separação Saudável com 0.68 e 0.64, respetivamente. Em 1993, Levine e Saintonge obtiveram valores de *alfa* superiores a 0.70, à exceção da subescala Separação Saudável. Os coeficientes *alpha* de Cronbach obtidos no presente estudo são igualmente superiores a 0.70, com exceção da subescala Negação da Dependência (0.68), Procura de Cuidados (0.60) e Separação Saudável (0.30). De facto o valor obtido na subescala Separação Saudável é muito inferior ao obtido por Levine e Saintonge (1993), porém Kroger e Green (1990;1992) obtiveram valores de *alpha* de 0,19 e 0,33 na respetiva subescala.

**Quadro 2:** Valores de *alpha de Cronbach* para as nove subescalas do SITA na versão original de Levine, Green & Millon (1986), na versão de Levine & Saintonge (1993) e na presente investigação.

	Levine, Green & Millon (1986)	Levine & Saintonge (1993)	Presente investigação
<b>Práticas de espelho</b> (Practicing-Mirroring)	> 0.70	0.88	0.80
<b>Negação da Dependência</b> (Dependency Denial)	> 0.70	0.79	0.68
<b>Ansiedade de Separação</b> (Separation Anxiety)	0.68	0.77	0.75
<b>Aproximação a Pares</b> (Peer Enmeshment)	_____	0.75	0.74
<b>Ansiedade de Aproximação</b> (Engulfment Anxiety)	> 0.70	0.77	0.81
<b>Procura de Cuidados</b> (Nurturance Seeking)	> 0.70	0.70	0.60
<b>Aproximação a Professores</b> (Teacher Enmeshment)	_____	0.75	0.76
<b>Separação Saudável</b> (Healthy Separation)	0.64	0.64	0.30
<b>Expectativa de Rejeição</b> (Rejection Expectancy).	_____	*	0.80

\*por ausência de validação anterior desta escala e ausência de dados anteriores com uma população não clínica para comparação.

### 5.3 Procedimento

Posteriormente à definição do tema em estudo procedeu-se à elaboração de um plano metodológico que permitisse a concretização do projeto de investigação conceptualizado inicialmente.

A fase inicial consistiu na recolha bibliográfica com objetivo de definir o tema a ser investigado no presente trabalho. Posteriormente procedeu-se ao enquadramento teórico da temática do processo de separação-indivuação e as experiências depressivas na adolescência. Após a integração dos dados e ideias recolhidas, foi possível elaborar as hipóteses de investigação, selecionar as variáveis em estudo e definir alguns critérios de seleção da população, tais como a idade. Esta etapa ficou concluída através da construção do questionário sociodemográfico e na seleção dos instrumentos de medida.

Numa segunda fase, iniciou-se o estudo empírico propriamente dito. Para o efeito e concretização do estudo, foi solicitada a autorização da Direção Geral de Inovação e

Desenvolvimento Curricular e do Agrupamento de Escolas. Após a aprovação do projeto, procedeu-se à entrega das autorizações e documento informativo para os Encarregados de Educação (veja-se Anexo V), onde se procurou enfatizar a confidencialidade, o anonimato e o cariz de voluntariedade, conforme os princípios éticos e deontológicos. Numa terceira fase, procedeu-se à entrega e realização dos protocolos, constituídos pela ficha de dados sociodemográficos e pelos dois instrumentos, SITA e QED-A. A aplicação dos instrumentos foi feita no contexto escolar, tendo sido disponibilizado em média 45 minutos (tempo previsto para a aplicação dos instrumentos) de cada aula, previamente definida pelo Professor responsável da disciplina.

#### **5.4 Procedimento estatístico**

Após a recolha dos protocolos, os dados foram analisados através de metodologias de análise quantitativa, com o programa estatístico, *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.

Para a análise dos resultados recorreu -se à estatística descritiva, nomeadamente à determinação da média, do desvio-padrão e dos valores mínimos e máximos, assim como ao cálculo de frequências e percentagens, de acordo com a natureza dos dados (quantitativos ou qualitativos).

Foram realizados testes de normalidade – *Kolmogorov-Smirnov* e de *Shapiro-Wilk* – e de homogeneidade das variâncias através do teste de *Levene*, com o objetivo de confirmar a distribuição da amostra e a variabilidade dos resultados em cada dimensão.

Recorreu-se a testes não-paramétricos, pois as condições de normalidade das variáveis sob estudo e a homogeneidade de variâncias entre os grupos, não se verificaram. Para a comparação dos resultados obtidos nas subescalas do SITA e nas variáveis da ficha de recolha de informação utilizou-se o teste não-paramétrico *Wilcoxon Mann-Whitney*, para 2 amostras independentes. E recorreu-se, ainda ao teste não-paramétrico, *Kruskal-Wallis* para a comparação entre quatro grupos independentes (Maroco, 2007).

No âmbito do estudo da relação linear entre variáveis, utilizaram-se técnicas estatísticas que permitem a obtenção de uma medida do grau de correlação ou associação entre elas, designadamente o coeficiente de Spearman (*Spearman Rank-Order Correlation Coefficient*).

Procedeu-se igualmente ao cálculo dos coeficientes *alpha* de Cronbach com vista a determinar a consistência interna para cada um dos instrumentos utilizados, figurando os respetivos resultados na seção 5.2.1 e 5.2.2.



## **Capítulo 6. Resultados**

Este capítulo é constituído por três seções principais. Na primeira seção (6.1) são analisados os resultados no SITA. Especificamente apresentam-se os resultados relativos às médias, desvios-padrão, máximos e mínimos para cada uma das subescalas do instrumento (seção 6.1.1). Seguidamente são apresentados os resultados em função das variáveis sociodemográficas, sexo, idade e sucesso escolar (seção 6.1.2). Esta seção termina com a apresentação das correlações obtidas entre as subescalas do SITA (6.1.3). Na segunda seção (6.2) são analisados os resultados no QED-A. Concretamente apresentam-se os resultados relativos às médias, desvios-padrão, máximos e mínimos para cada uma das escalas do QED-A (seção 6.2.1). Posteriormente são apresentados os resultados em função das variáveis sociodemográficas, sexo e idade (seção 6.2.2). Por último, na seção 6.3, são apresentadas as correlações obtidas entre os dois instrumentos utilizados no presente estudo: SITA e QED-A.

### **6.1 Análise dos resultados no Teste de Separação-Individuação (SITA)**

#### **6.1.1 Caracterização dos resultados nas subescalas do SITA**

Foram calculadas as médias, desvios-padrão e os valores mínimos e máximos obtidos para cada uma das subescalas do SITA. Estes resultados são apresentados no quadro 3.

É possível verificar que quanto à subescala Práticas de Espelho os resultados variam entre 16,67 e 45,33, sendo o valor médio 30,23 e o desvio-padrão 4,99. No que respeita à subescala Negação de Dependência os resultados variam entre 16,67 e 49,17, com o valor médio 37,73 e o desvio-padrão 4,83. Relativamente à subescala Ansiedade de Separação observam-se resultados entre 16,43 e 45,00, com um valor médio de 29,88 e um desvio-padrão de 5,91. Os resultados na subescala Aproximação a Pares variam entre 11,25 e 36,25, com um valor médio de 21,44 e o desvio-padrão 6,03. Quanto à subescala Ansiedade de Aproximação os resultados variam entre 10 e 47,14, sendo o valor médio 29,75 e o desvio-padrão 8,30. Relativamente à subescala Procura de Cuidados verificam-se resultados entre 12,50 e 42,50, com um valor médio de 28,06 e um desvio-padrão de 6,33. Relativamente à subescala Aproximação a Professores os resultados variam entre 11,25 e 50, sendo o valor médio 34,72 e o desvio-padrão 6,98. No que respeita à subescala Separação Saudável os resultados variam entre 11,43 e 31,43, com um valor médio de

18,99 e um desvio-padrão de 3,85. Por fim, quanto à subescala Expectativa de Rejeição os resultados variam entre 14,17 e 47,40, com um valor médio de 34,47 e um desvio-padrão de 6,47.

**Quadro 3:** Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos resultados obtidos nas escalas do SITA, na amostra total.

<b>Subescalas</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Práticas de Espelho</b>	150	30,23	4,99	16,67	45,33
<b>Negação da Dependência</b>	150	37,73	4,83	16,67	49,17
<b>Ansiedade de Separação</b>	150	29,88	5,91	16,43	45,00
<b>Aproximação a Pares</b>	150	21,44	6,03	11,25	36,25
<b>Ansiedade de Aproximação</b>	150	29,75	8,30	10,00	47,14
<b>Procura de Cuidados</b>	150	28,06	6,33	12,50	42,50
<b>Aproximação a Professores</b>	150	34,72	6,98	11,25	50,00
<b>Separação Saudável</b>	150	18,99	3,83	11,43	31,43
<b>Expectativa de Rejeição</b>	150	34,47	6,57	14,17	47,50

\*  $p < .05$

### **6.1.2 Análise dos resultados no SITA em função das variáveis sociodemográficas**

Na análise dos resultados no que diz respeito às dimensões do SITA verificaram-se diferenças significativas em função da variável Género quanto à subescala Expectativa de Rejeição, em função da variável Sucesso Escolar quanto à subescala Separação Saudável e em função da variável Idade quanto à subescala Ansiedade de Separação, Ansiedade de Aproximação e Expectativa de Rejeição.

#### **a) Caracterização das subescalas do SITA em função da Variável Género**

As diferenças entre os sujeitos do sexo feminino e os sujeitos do sexo masculino foram avaliadas pelo teste não-paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para amostras Independentes. A análise estatística foi efetuada para  $\alpha = 0,05$ .

A partir do quadro 4 verifica-se que existem diferenças significativas entre os sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino, em apenas uma das subescalas do SITA. Sugere-se que os rapazes apresentam um valor médio de Expectativa de Rejeição superior em comparação com as raparigas,  $U = 1630$ ,  $p = 0,001$ .

**Quadro 4:** Comparação das subescalas do SITA em função da variável Género (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes).

Subescala	Género		Z	U
	Feminino (N=103)	Masculino (N=47)		
	Ordem média	Ordem média		
<b>Práticas de Espelho</b>	78,91	68,02	-1,426	2069
<b>Negação da Dependência</b>	77,70	70,67	-0,921	2193,5
<b>Ansiedade de Separação</b>	72,54	81,98	-1,235	2116
<b>Aproximação a Pares</b>	73,51	79,85	-0,831	2216
<b>Ansiedade de Aproximação</b>	71,38	84,53	-1,722	1996
<b>Procura de Cuidados</b>	70,87	85,65	-1,938	1943,5
<b>Aproximação a Professores</b>	76,17	74,04	-0,278	2352
<b>Separação Saudável</b>	73,48	79,93	-0,848	2212
<b>Expectativa de Rejeição</b>	67,83	92,32	-3,206	1630

\*  $p < .05$

#### b) Caraterização das subescalas do SITA em função da variável Idade

Para avaliar se a variável Idade influencia significativamente as subescalas do SITA, recorreu-se ao teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla das médias das ordens como descrito por Maroco (2007). Usou-se uma probabilidade de erro tipo I ( $\alpha$ ) de 0,05. Os *outputs* do teste encontram-se nos Anexos VI, VII e VIII.

Através do quadro 5 é possível concluir que a idade influencia significativamente as subescalas Ansiedade de Separação ( $X_{KW}^2(2) = 8,328$ ,  $p = 0,040$ ), Ansiedade de Aproximação ( $X_{KW}^2(2) = 8,121$ ,  $p = 0,044$ ) e Separação Saudável ( $X_{KW}^2(2) = 8,485$ ,  $p =$

0,037). De acordo com Maroco (2007) isto quer dizer que em pelo menos uma das faixas etárias, a distribuição de valores nas subescalas, difere significativamente das distribuições observadas em pelo menos numa das faixas etárias. De forma a identificar em qual das idades as distribuições são significativamente diferentes foi necessário proceder à comparação múltipla das médias das ordens.

De acordo com a comparação múltipla de médias das ordens, é possível concluir que, para  $\alpha = 0,05$ , as diferenças estatisticamente significativas nas subescalas Ansiedade de Separação e Ansiedade de Aproximação, ocorrem entre a faixa etária de 15 e 17 anos ( $p = 0,016$ ;  $p = 0,030$ , respetivamente). O grupo de 17 anos apresenta uma distribuição nestas subescalas significativamente diferente do grupo de 15 anos, sendo no grupo de 17 anos que se observam os resultados mais elevados. Relativamente à subescala Separação Saudável, as diferenças estatisticamente significativas ocorrem entre a faixa etária 15 e 16 anos ( $p = 0,016$ ), sendo no grupo 15 anos onde se observam os resultados mais elevados.

**Quadro 5:** Comparação das subescalas do SITA em função da variável Idade (Teste Kruskal-Wallis para quatro Amostras Independentes).

Subescala	Idade				$\chi^2$ (3)
	14 (N=11)	15 (N=39)	16 (N=59)	17 (N=41)	
	Ordem média	Ordem média	Ordem média	Ordem média	
<b>Práticas de Espelho</b>	65,59	73,40	80,77	72,57	1,722
<b>Negação da Dependência</b>	60,64	73,92	78,05	77,32	1,620
<b>Ansiedade de Separação</b>	77,27	62,21	73,75	89,93	8,328
<b>Aproximação a Pares</b>	70,59	74,67	77,26	75,07	0,257
<b>Ansiedade de Aproximação</b>	73,36	66,28	70,81	91,60	8,121
<b>Procura de Cuidados</b>	63,36	75,58	75,75	78,33	1,039
<b>Aproximação a Professores</b>	62,09	74,67	74,57	81,23	1,809
<b>Separação Saudável</b>	74,36	92,56	67,86	70,57	8,485
<b>Expectativa de Rejeição</b>	70,86	72,87	72,76	83,18	1,788

\*  $p < .05$

**c) Caracterização das subescalas do SITA em função da variável Sucesso Escolar**

As diferenças entre o grupo Sucesso Escolar e o grupo Insucesso Escolar foram avaliadas pelo teste não-paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para amostras Independentes. A análise estatística foi efetuada para  $\alpha = 0,05$ .

Os resultados do quadro 6 mostram diferenças significativas entre os grupos Sucesso Escolar e Insucesso Escolar, em apenas uma das subescalas do SITA. Sugere-se que o grupo Sucesso Escolar apresenta um valor médio de Separação Saudável superior ao grupo Insucesso Escolar,  $U = 1480,5$ ,  $p = 0,017$ .

**Quadro 6:** Comparação das subescalas do SITA em função da variável Sucesso Escolar (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes).

Subescala	Sucesso Escolar		Z	U
	Sucesso (N=115)	Insucesso (N=35)		
	Ordem média	Ordem média		
<b>Práticas de Espelho</b>	74,51	78,76	-0,507	1898,5
<b>Negação da Dependência</b>	77,86	67,76	-1,206	1741,5
<b>Ansiedade de Separação</b>	75,01	77,10	-0,249	1956,5
<b>Aproximação a Pares</b>	75,60	75,19	-0,049	2001,5
<b>Ansiedade de Aproximação</b>	74,25	79,61	-0,641	1868,5
<b>Procura de Cuidados</b>	76,85	71,06	-0,693	1857
<b>Aproximação a Professores</b>	78,08	67,01	-1,322	1715,5
<b>Separação Saudável</b>	80,13	60,30	-2,379	1480,5
<b>Expectativa de Rejeição</b>	76,39	72,59	-0,454	1910,5

\*  $p < .05$

### 6.1.3 Correlações entre as subescalas do SITA

A consistência interna da versão traduzida do SITA foi estudada com base no cálculo dos coeficientes *alpha* de Cronbach para cada uma das subescalas. O quadro 7 apresenta os resultados dessas correlações.

Pela leitura do quadro 7, verificamos que existem correlações significativas entre a maioria das subescalas do SITA. Especificamente observam-se correlações significativas e positivas entre a subescala Práticas de Espelho com Aproximação a Pares, Procura de Cuidados, Aproximação a Professores e Separação Saudável. Na subescala Negação da Dependência observam-se correlações significativas e positivas com as subescalas Ansiedade de Separação e Expectativa de Rejeição. Relativamente à subescala Ansiedade de Separação verificam-se correlações significativas e positivas com as subescalas Aproximação a Pares, Ansiedade de Aproximação, Procura de Cuidados, Aproximação a Professores e Expectativa de Rejeição. No que respeita à subescala Aproximação a Professores correlaciona-se significativamente e positivamente com as subescalas Procura de Cuidados e Separação Saudável. Observam-se ainda correlações significativas negativas nas subescalas Práticas de Espelho com Negação da Dependência e com Expectativa de Rejeição, e na subescala Aproximação a Pares com Negação da Dependência.

Os *alphas* de Cronbach apresentaram valores aceitáveis para oito das nove subescalas, o que significa que apenas a subescala Separação Saudável poderá não está a medir consistentemente o construto que pretende medir. Os resultados nesta subescala ficam muito aquém do que seria desejável e do que Levine e Saintonge (1993) encontraram, apresentado um valor de 0,30. No entanto Kroger e Green (1990;1992) obtiveram valores de *alpha* de 0,19 e 0,33 na supra referida escala.

**Quadro 7:** Correlações das subescalas do SITA entre si, na amostra total.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2	-0,209**								
3	0,052	0,034							
4	0,394**	-0,388**	0,254**						
5	-0,100	0,196*	0,369**	0,200*					
6	0,250**	0,060	0,509**	0,269**	0,075				
7	0,185*	-0,066	0,584**	0,262**	0,138	0,394**			
8	0,177*	-0,157	0,076	0,425**	0,075	0,145	0,195*		
9	-0,187*	0,490**	0,401**	-0,036	0,428**	0,106	0,072	-0,059	

1 = Práticas de Espelho

2 = Negação da Dependência

3 = Ansiedade de Separação

4 = Aproximação a Pares

5 = Ansiedade de Aproximação

6 = Procura de Cuidados

7 = Aproximação a Professores

8 = Separação Saudável

9 = Expectativa de Rejeição

\*p&lt;.05 \*\*&lt;.01, two.tailed

## 6.2. Análise dos resultados no Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A)

### 6.2.1 Caracterização dos resultados nas escalas do QED-A

Foram calculadas as médias, desvios-padrão e os valores mínimos e máximos obtidos para cada uma das subescalas do SITA. Estes resultados são apresentados no quadro 8.

De acordo com o quadro 8, verifica-se que quanto ao fator Dependência os resultados variam entre -2,50 e 2,42, sendo o valor médio 0,25 e o desvio-padrão 0,96. No que respeita ao fator Auto-criticismo os resultados variam entre -2,18 e 2,75, com um valor médio de 0,86 e um desvio-padrão de 0,93. Por último, Relativamente ao fator Eficácia observam-se resultados entre -2,80 e 1,58, com um valor médio de -0,30 e um desvio-padrão de 0,84.

**Quadro 8:** Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos resultados obtidos nas escalas do QED-A, na amostra total.

<b>Fator</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>I – Dependência</b>	150	0,25	0,96	-2,50	2,42
<b>II – Auto-criticismo</b>	150	0,86	0,93	-2,18	2,75
<b>III – Eficácia</b>	150	-0,30	0,84	-2,80	1,58

\*  $p < .05$

### 6.2.2 Análise dos resultados no QED-A em função das variáveis sociodemográficas

Na análise dos resultados no que diz respeito às dimensões do QED-A verificaram-se diferenças significativas em função das variáveis Género e Idade quanto ao fator Dependência.

#### a) Caracterização das subescalas do QED-A em função da variável Género

As diferenças entre os adolescentes do sexo feminino e masculino foram avaliadas pelo teste não-paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para amostras Independentes. A análise estatística foi efetuada para  $\alpha = 0,05$ .

Os resultados do quadro 9 mostram diferenças significativas entre os sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, em apenas uma das subescalas do QED-A. Sugere-se que os rapazes apresentam um valor médio no fator Dependência inferior às raparigas,  $U = 1849,5$ ,  $p = 0,023$ .

**Quadro 9:** Comparação das escalas do QED-A em função da variável Género (Teste Wilcoxon-Mann-Whitney para Amostras Independentes).

<b>Fator</b>	<b>Género</b>		<b>Z</b>	<b>U</b>
	Feminino	Masculino		
	(N=103)	(N=47)		
	<u>Ordem média</u>	<u>Ordem média</u>		
<b>Dependência</b>	80,95	63,55	-2,275	1859
<b>Auto-criticismo</b>	76,42	73,49	-0,383	2326
<b>Eficácia</b>	74,48	77,74	-0,427	2315

\*  $p < .05$



## b) Caracterização das subescalas do SITA em função da variável Idade

Para avaliar se a variável Idade influencia significativamente as subescalas do QED-A, recorreu-se ao teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla das médias das ordens como descrito por Maroco (2007). Usou-se uma probabilidade de erro tipo I ( $\alpha$ ) de 0,05. O *output* do teste encontra-se no Anexo IX.

Através do quadro 10 é possível concluir que a idade teve um efeito estatisticamente significativo sobre o fator Dependência ( $X_{KW}^2(3) = 8,314; p = 0,040$ ).

Analisando o *output* das comparações múltiplas é possível concluir que as diferenças estatisticamente significativas no fator Dependência ocorrem entre o grupo de sujeitos com 15 e 17 anos ( $p = 0,029$ ). De acordo com a comparação múltipla de médias das ordens, a faixa etária de 15 anos apresenta uma distribuição no fator Dependência significativamente diferente da faixa etária de 17 anos, sendo no grupo de 15 anos que se observam resultados mais elevados no fator Dependência.

**Quadro 10:** Comparação das escalas do QED-A em função da variável Idade (Teste Kruskal-Wallis para quatro Amostras Independentes).

Fator	Idade				$\chi^2(3)$
	14	15	16	17	
	(N=11)	(N=39)	(N=59)	(N=41)	
	Ordem média	Ordem média	Ordem média	Ordem média	
<b>Dependência</b>	66,36	88,36	78,32	61,66	8,314
<b>Auto-criticismo</b>	58,36	83,85	77,15	69,78	3,947
<b>Eficácia</b>	78,18	85,95	71,19	71,05	3,310

\*  $p < .05$

## 6.3 Correlações entre o SITA e o QED-A

Para estudar a relação entre o processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência, calcularam-se as correlações das escalas que constituem cada um dos instrumentos, SITA e QED-A. O quadro 11 apresenta os resultados dessas correlações. Relativamente às correlações na escala Dependência do QED-A, observam-se correlações significativas com a maioria das subescalas do SITA, à exceção do fator Dependência com Negação da Dependência e Separação Saudável, do fator Auto-

criticismo com Procura de Cuidados e Aproximação a Professores e, do fator Eficácia com Negação da Dependência e Procura de Cuidados.

**Quadro 11:** Correlações das escalas do QED-A com as subescalas do SITA, na amostra total.

	<b>Dependência</b>	<b>Auto-criticismo</b>	<b>Eficácia</b>
<b>Práticas de Espelho</b>	-0,166*	0,416**	-0,490**
<b>Negação da Dependência</b>	0,073	-0,474**	-0,040
<b>Ansiedade de Separação</b>	-0,646**	-0,204**	-0,182*
<b>Aproximação a Pares</b>	-0,391**	0,243**	-0,243**
<b>Ansiedade de Aproximação</b>	-0,358**	-0,256**	-0,166*
<b>Procura de Cuidados</b>	-0,370**	0,098	-0,074
<b>Aproximação a Professores</b>	-0,322**	0,007	-0,242**
<b>Separação Saudável</b>	-0,051	0,213**	-0,195*
<b>Expectativa de Rejeição</b>	-0,411**	-0,564**	-0,201*

\*  $p < .05$

## Capítulo 7. Discussão

Este trabalho teve como objetivo principal estudar a relação entre o processo de separação-indivuação, com recurso ao SITA (Teste de Separação-Indivuação) e o QED-A (Questionário de Experiência Depressivas). Com vista a estudar os resultados obtidos em cada um dos instrumentos, procedeu-se em primeiro lugar à sua análise em função das variáveis sociodemográficas. Posteriormente, com o propósito de estudar a relação entre o processo de separação-indivuação e as experiências depressivas na adolescência, procedeu-se à análise das correlações de ambos os instrumentos, numa amostra de 150 adolescentes (103 raparigas e 47 rapazes), com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos de idade, a frequentar o ensino básico e secundário.

### **Análise das dimensões do processo de separação-indivuação na adolescência em função das variáveis sociodemográficas: sexo, idade e sucesso escolar.**

No estudo dos efeitos da variável género no SITA, os resultados apontam para uma similaridade em ambos os grupos, com uma exceção: os adolescentes do sexo masculino apresentam um valor médio significativamente superior aos adolescentes do sexo feminino na subescala Expetativa de Rejeição. Os resultados sugerem uma tendência dos jovens do sexo masculino em sentir os outros significativos como insensíveis e hostis. Levine & Saintonge (1993) relatam que a subescala Expetativa de Rejeição, bem como as Práticas de Espelho, Ansiedade de Aproximação e Negação de Dependência, são subescalas que refletem uma expectativa negativa sobre relações interpessoais, conduzindo a um certo evitamento sobre as mesmas. No entanto, no presente estudo não foram encontradas diferenças significativas nas subescalas Práticas de Espelho, Ansiedade de Aproximação e Negação da Dependência, não tendo sido por isso confirmada a hipótese 1. Isto significa que os resultados não são consistentes com a literatura, que tem mostrado que os jovens do sexo masculino tendem a ter valores significativamente superiores nas subescalas Práticas de Espelho (Tamar, et. al, 2006; Lapsley, Rice & Shadid, 1989), Ansiedade de Aproximação (Levpuscek, 2006; Quintana & Ker, 1993) e Negação da Dependência (Lapsley, Rice & Shadid, 1989; Gnaulati & Heine, 2001).

Porém, apesar de não existirem diferenças significativas, observam-se nos adolescentes do sexo masculino resultados mais elevados na subescala Ansiedade de Aproximação, em comparação com os do sexo feminino. Este resultado, em conjunto com

as diferenças significativas encontradas na subescala Expectativa de Rejeição vai ao encontro dos estudos que afirmam que uma das áreas de vulnerabilidade nos rapazes é a tendência em exagerar as suas capacidades de autonomia, o que poderá conduzir a uma tendência em negar a necessidade de estabelecer e manter relações interpessoais significativas com os outros (Gnaulati & Heine, 2001; Levpuscek, 2006; Quintana & Ker, 1993).

Relativamente aos efeitos da variável idade no SITA, obtiveram-se diferenças significativas nas subescalas Ansiedade de Separação e Expectativa de Rejeição entre os grupos de 15 e 17 anos de idade, sendo neste último onde se observaram os resultados mais elevados, nestas duas subescalas. Estes resultados apontam para a existência de uma tendência de o grupo de 17 anos a ter fortes medos associados à perda do contacto físico ou emocional com os outros significativos, que de acordo com Levine, Green & Millon (1986) se expressam habitualmente sob forma de ansiedade face à expectativa de rejeição ou abandono. Relativamente à subescala Expectativa de Rejeição, os resultados não são consistentes com a literatura, que tem indicado que os adolescentes com mais de 16 anos de idade têm níveis inferiores nesta, comparativamente com os adolescentes mais jovens (Tamar et al., 2006). Ou seja, os resultados parecem não estar de acordo com a ideia de que depois das tentativas de se separar dos pais, os adolescentes tendem a desejar estreitar os laços com os mesmos (Josselson, 1988, cit. por Tamar et al., 2006). Por outro lado, no que concerne às diferenças encontradas na subescala Ansiedade de Separação, os dados não são consonantes com a hipótese 2, onde se esperaria pontuações mais elevadas nos indivíduos com idades compreendidas entre os 13 e 14 anos de idade (Geadá, 1992; Levpuscek, 2006). No entanto a mesma hipótese encontra suporte nos resultados encontrados por Tamar et al. (2006) onde o grupo de adolescentes com 16 anos, em comparação com adolescentes mais jovens, tendem a ver as relações interpessoais próximas como uma ameaça ao seu senso de independência e individualidade. Neste grupo, o impacto do processo de separação-individação no desenvolvimento conduziu a um forte impulso para a independência em relação aos pais, a um desejo de controlo sobre as suas próprias vidas, e a uma sensação subjetiva de rejeição por outros significativos.

Consideramos preponderante pensar que a natureza da separação é diferente daquelas que experienciam os adolescentes mais jovens, uma vez que nesta idade os jovens estão perante um dos acontecimentos mais marcantes em termos do processo de separação: a transição para o mundo universitário, período da vida no qual a fonte de segurança fica mais distante, menos acessível, podendo ameaçar o sistema individual. A

situação concreta de sair de casa coloca o adolescente perante um conflito: por um lado o desejo de sair enquanto afirmação de autonomia e quebra dos laços de dependência, por outro lado, a ameaça que é ter de deixar e de se separar das figuras de proteção (Fleming, 2005). Esta situação pode, no entanto, trazer vantagens se pensarmos nas oportunidades de autonomia comportamental que esta situação proporciona, como refere Matos e Costa (1996).

Relativamente à subescala Separação Saudável, as diferenças estatisticamente significativas ocorrem entre a faixa etária de 15 e 16 anos de idade, sendo no grupo de 15 anos onde se observam os resultados mais elevados. Uma vez que a hipótese por nós formulada compreendia a existência de uma subida na subescala Separação Saudável do grupo dos 15-16 anos para o grupo dos 17-18 anos (Geadá, 1992), concluímos que os resultados não confirmam a hipótese 3. De acordo com Levine, Green e Millon (1986), esta subescala avalia os efeitos residuais da fase de consolidação da individuação na infância e, o reviver dessa fase durante a adolescência, descrevendo os indivíduos que fizeram progressos significativos na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-individuação. O que significa que o grupo de 15 anos de idade parece ser aquele em que existe um balanço flexível entre esforços de dependência e independência. Levpuscek (2006) encontrou resultados similares aos do presente estudo, ou seja, os adolescentes mais novos foram aqueles que obtiveram resultados mais elevados no processo de separação-individuação bem-sucedido. O mesmo estudo (Levpuscek, 2006) indica que um dos aspetos positivos associados a um processo de separação-individuação bem-sucedido e que se correlaciona significativamente com o mesmo é a idealização das figuras parentais. Com base nas evidências encontradas por Levpuscek (2006) consideramos que a idealização das figuras parentais poderá contribuir para uma vivência menos problemática do processo de separação-individuação nos adolescentes mais novos. A nossa hipótese explicativa pressupõe que nos adolescentes mais velhos, uma das tarefas necessárias ao processo de processo de separação-individuação, centra-se no desinvestimento dos pais interiorizados e na procura de uma independência emocional em relação aos objetos infantis. Contudo esta tarefa parece conduzir a uma maior ansiedade de separação e medo da rejeição nestes adolescentes.

Por outro lado, encontraram-se diferenças significativas na subescala Separação Saudável em função da variável sucesso escolar, onde o grupo com insucesso escolar tende a obter resultados mais baixos nesta subescala. Os resultados são consistentes com

os encontrados por Geada (1992) confirmando-se a hipótese 4. Este resultado indica que o insucesso escolar aparece associado a uma certa imaturidade afetiva, teoricamente atribuída a dificuldades no processo de separação-individuação (Geada, 1992), as quais parecem inibir a capacidade para o trabalho intelectual escolar.

No entanto, tendo em conta o *alpha* de Cronbach obtido no presente estudo para a subescala Separação Saudável, os resultados devem ser interpretados com extrema cautela. Por esse motivo, as hipóteses colocadas devem ser sujeitas a futuros estudos empíricos.

### **Análise das dimensões das experiências depressivas na adolescência em função das variáveis sociodemográficas: sexo e idade.**

No estudo dos efeitos da variável género no QED-A, foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, no que se refere à escala Dependência. Os resultados confirmam a hipótese exploratória 5, sendo consonantes com os apresentados pela literatura, onde os sujeitos do sexo masculino obtêm em média resultados significativamente inferiores aos das raparigas (Chevron et al., 1978; Zurroff et al., 1990; Blatt et al., 1992b; Campos, 2000a, 2009). No que diz respeito à escala de Auto-criticismo, os resultados não estão de acordo com os apresentados na literatura, onde os indivíduos do sexo masculino obtêm resultados superiores às raparigas (Chevron et al., 1978; Zurroff et al., 1990; Blatt et al., 1992b; Campos, 2000a, 2009), não se confirmando a hipótese exploratória 6.

No que se refere à escala de Eficácia, os resultados estão de acordo com alguns dos estudos existentes, onde os indivíduos do sexo feminino e masculino não obtêm resultados significativamente diferentes (Chevron et al., 1978; Campos, 2000a, 2009).

Foram ainda encontradas diferenças significativas no que diz respeito à idade, onde a faixa etária de 15 anos apresenta uma distribuição no fator Dependência significativamente diferente da faixa etária de 17 anos, sendo no grupo de 15 anos que se observam resultados mais elevados. Este resultado parece apontar para uma maior necessidade, dos adolescentes mais novos, em obter e garantir relações interpessoais próximas, de cuidado e proteção. Os dados podem ser interpretados com base na hipótese explicativa, apresentada anteriormente, de que os adolescentes mais jovens tendem a ter resultados superiores na subescala Separação Saudável, pela possível idealização das figuras parentais. A idealização objetual poderá colocar o sujeito numa posição de

inferioridade, de deficiência narcísica. E, assim, de acordo com Coimbra de Matos (1981, p.6), organiza-se um ideal do Eu pela pregnância do objeto primitivo idealizado (“Não há mãe como a sua, melhor”). Este padrão idealizado, quando internalizado, mantém a dependência objetal do indivíduo.

A separação e a perda deste objeto podem ser enfrentadas por meios primitivos como a negação (Morgado & Campos, 2012). Assim, olhando para a correlação positiva, ainda que não significativa, do fator dependência com a negação da dependência, poder-se-á conjecturar que os adolescentes mais dependentes, tendem a negar a sua necessidade de dependência, enquanto defesa contra a ansiedade de separação.

### **Análise das relações entre as dimensões do processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência.**

No estudo das relações entre o processo de separação-individuação e as experiências depressivas observaram-se correlações estatisticamente significativas entre a maioria das subescalas que compõem cada um dos instrumentos.

As correlações significativas e negativas entre a subescala Práticas de Espelho e o fator Dependência podem indicar que os adolescentes com pontuações elevadas na primeira tendem a ter resultados inferiores no fator Dependência. Levine e Saintonge (1993) afirmam que estes adolescentes caracterizam-se por um elevado grau de narcisismo e auto-centração. Coimbra de Matos (1983) refere que um processo de compensação narcísica pode passar pela grandiosidade e pela exaltação ilusória da autoimagem, pelo facto de não ter sido reconhecido no seu próprio valor. Esta ideia parece ser reforçada pela correlação significativa e positiva entre a subescala Práticas de Espelho e o fator Auto-criticismo. Os adolescentes com mais necessidades narcísicas, são aqueles que tendem a ter uma postura mais punitiva em relação ao *self*. Não amado, nem admirado pelo objeto, é ele próprio a amar e admirar a sua imagem refletida pelo espelho (Coimbra de Matos, 1983). Como não foi amado, não aprendeu a amar. A sua descrença no amor leva o sujeito a nunca conquistar esta relação. Levine e Saintonge (1993) afirmam que os adolescentes com um elevado grau de narcisismo e auto-centração, possuem uma expectativa negativa sobre as relações interpessoais. Partindo destes pressupostos, colocamos como hipótese explicativa que uma forma do adolescente se defender contra estes sentimentos poderá passar pelo evitamento de relações interpessoais próximas, uma vez que estas relações são

vividas como conflituosas, já que são sujeitos muito críticos em relação aos outros, assumindo que estes também os desaprovam.

No que diz respeito às correlações negativas significativas entre o fator Dependência com as subescalas Aproximação a Pares e a Professores, poderão indicar que os adolescentes com resultados inferiores no fator Dependência têm resultados superiores na procura de cuidados fora da relação filio-parental (subescalas aproximação a pares e professores). Coloca-se uma hipótese explicativa de que estes adolescentes já foram capazes de fazer o luto do objeto amoroso infantil (Coimbra de Matos, 2002), que se caracteriza pela rutura dos vínculos de dependência da família e conseqüente mudança das relações objetais (Blos, 1967), o que implica a saída dos interesse essencialmente narcísicos, característicos da infância, para o investimento em objetos exteriores. Ou então, podemos analisar esta correlação no sentido aposto: os adolescentes com resultados mais elevados no fator Dependência tendem a procurar menos relações de proximidade com os pares e professores. Neste caso, parece fazer sentido voltar a falar das questões de idealização das figuras parentais, onde a libido necessária para a produtividade exterior está canalizada nestes objetos. Por outras palavras, os adolescentes mais dependentes das figuras parentais, não parecem ser capazes de se descentrar destes para investir em objetos externos, como é suposto acontecer neste período de desenvolvimento.

Por outro lado, observaram-se correlações significativas e positivas entre a subescala Aproximação aos Pares e o Auto-criticismo, o que nos leva a confirmar a hipótese exploratória 8. Isto quer dizer que os indivíduos com elevada autocrítica, parecem ser aqueles mais preocupados com questões de autodefinição e autoestima e mais vulneráveis a experiência de insucesso e de crítica, como postulado por Campos e Morgado (2012). Face a isso, poder-se-á pensar que estes adolescentes tendem a procurar relações próximas com os pares, como forma de obter aceitação e aprovação.

Observaram-se correlações significativas e negativas entre a Ansiedade de Separação e Ansiedade de Aproximação com o fator Dependência. Propõe-se como possível explicação, o facto de os indivíduos com fortes medos associados à perda do contacto físico ou emocional com os outros significativos, poderem ter receio de estar próximos e de terem relações de intimidade, enquanto defesa contra o medo de perder o objeto. No mesmo sentido, os adolescentes com elevado grau de expectativa de rejeição, caracterizam-se por receios em serem controlados ou absorvidos pelos outros



significantes, ou de perder a sua autonomia e independência, o que poderá conduzir estes adolescentes a afastarem-se de relações próximas ou a dependerem dos outros.

Outra das correlações negativas significativas foi a encontrada entre a subescala Procura de Cuidados e o fator Dependência. Este resultado parece ir no sentido contrário à hipótese 7 por nós formulada, que pressupunha que os adolescentes com fortes necessidades de ligação às figuras parentais tenderiam a desejar intensamente estar próximo do outro. Propõe-se neste sentido como possível explicação que os indivíduos com fortes necessidades de ligação às figuras parentais, que antecipam a gratificação dessas necessidades ou que aliam sentimentos positivos a essa gratificação, são aqueles que tendem a valorizar o objeto pela sua capacidade de suprir as suas necessidades. Face a isso, estes adolescentes tendem a ter menos sentimentos de abandono e de solidão. Mais ainda, se o objeto se mostrar sempre disponível, num contínuo de doação de amor e gratificação poderá resultar num sentimento de bem-estar (Morgado & Campos, 2006).

Observaram-se ainda correlações negativas significativas entre a Negação da Dependência e o Auto-criticismo. Sugere-se como hipótese explicativa o facto de os adolescentes que evitam ou negam a necessidade de dependência, são aqueles sujeitos com uma postura menos punitiva em relação ao *self*, no sentido que tendem a sobrevalorizar as suas próprias capacidades, sentindo que não necessitam do outro para a gratificação das suas próprias necessidades.

No que diz respeito ao fator Eficácia, de acordo com Blatt et al. (1976), os itens nesta escala indicam um sentimento de confiança do sujeito em relação às suas capacidades e recursos, um sentimento de possuir força interior, sentir-se orgulho e satisfeito com as suas realizações e sentir-se independente. Os indivíduos com pontuações elevadas nesta escala caracterizam-se por experimentarem sentimentos de realização pessoal, serem muito orientados para os objetivos, mas nunca chegando a ser extremamente competitivos (Blatt & Homann, 1992a). Por esta razão, Morgado e Campos (2012) colocam a hipótese da escala de Eficácia não medir na adolescência, os mesmos aspetos que nos adultos, o que significa que poderá não remeter para uma dimensão adaptativa, mas sim para uma característica mais desadaptativa, relacionada a uma certa negação do sofrimento mental. Se observarmos as correlações significativas e negativas entre o fator Eficácia e a subescala Separação Saudável, a hipótese dos autores parece ganhar consistência. Isto significa que por exemplo que os adolescentes que fizeram progressos significativos na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-

indivíduo tenderiam a ter resultados baixos no fator Eficácia, enquanto característica desadaptativa. No entanto, se observarmos as correlações nas subescalas Ansiedade de Separação, Ansiedade de Aproximação e Expectativa de Rejeição igualmente negativas, a conceptualização de Blatt e Homann (1992a) parece suportar os resultados encontrados. Ou seja, os adolescentes confiantes sobre as capacidades e recursos do próprio, o sentimento de ter força interior e ser capaz de assumir responsabilidades, tendem a obter resultados inferiores nas supra referidas escalas.

Foram ainda encontradas correlações negativas significativas entre o fator Auto-criticismo com a Ansiedade de Separação, Ansiedade de Aproximação, Expectativa de Rejeição e Separação Saudável, para as quais não foram encontradas hipóteses explicativas. Especificamente, seria espectável que os indivíduos com fortes medos associados à perda do contacto com os outros significativos, que se expressão habitualmente sob forma de ansiedade face à expectativa de rejeição ou abandono tenderiam a reagir a essas situações com sentimentos de incompetência, inutilidade e culpa. Era igualmente esperado que os indivíduos com elevados graus de expectativa de rejeição, tenderiam a ter sentimentos hostis e ambivalentes em relação ao objeto.

Será por este motivo essencial, desenvolver estudos futuros que permitam contribuir para a exploração e compreensão dos resultados encontrados, com o objetivo de encontrar hipóteses teóricas que suportem os mesmos.

## CONCLUSÃO

O objetivo do presente estudo consistiu em analisar a relação entre o processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência. Os resultados encontrados permitiram-nos refletir sobre o processo de separação-individuação na adolescente, contribuindo para a compreensão das estratégias/meios que o adolescente utiliza para fazer face aos desafios que este processo coloca e, conseqüentemente, as repercussões que pode ter no desenvolvimento adolescente, nomeadamente na vivência de experiências depressivas nesta fase.

A construção da autonomia é um dos desafios fundamentais na adolescência, que acarreta um processo interno de separação-individuação em relação às figuras parentais. Este processo não implica a rutura dos laços infantis, mas a transformação das relações do adolescente com as suas figuras de vinculação. Esta reestruturação pressupõe uma experiência de luto, isto é, a elaboração da perda dos pais na sua função parental e de primeiros objetos de amor e de identificação.

Afastar-se do controlo parental e procurar e explorar novos espaços fora do núcleo familiar, poderá ser, de acordo com a hipótese explicativa por nós sugerida, uma forma que o adolescente encontra de obter aceitação e aprovação, face à preocupação com questões de autodefinição e autoestima. Por outro lado, consideramos importante pensar sobre o investimento em objetos exteriores como sinal positivo de um processo de luto bem elaborado face ao objeto amoroso infantil.

Alguns dos resultados vão ao encontro dos estudos que afirmam que uma das áreas de vulnerabilidade nos rapazes é a tendência em exagerar as suas capacidades de autossuficiência e autonomia, conduzindo a uma tendência em negar a necessidade de estabelecer e manter relações interpessoais significativas com os outros (Gnaulti & Heine, 2001; Levpuscek, 2006; Quintana & Ker, 1993). No mesmo sentido, os resultados mostraram que estes sujeitos tendem a mostrarem-se menos dependentes em comparação com os sujeitos do sexo feminino (Chevron et al., 1978; Zurroff et al., 1990; Blatt et al., 1992b; Campos, 2000a, 2009).

No entanto, outros dados não são consonantes com a literatura, indiciando maiores níveis de ansiedade de separação nos adolescentes mais velhos. Face aos resultados encontrados, a experiência de transição para o mundo universitário, foi um dos acontecimentos que mereceu destaque no nosso estudo, tendo-se colocado a hipótese que a

natureza da separação nesta situação difere daquela que experienciam os adolescentes mais jovens, pois é durante este período no qual a fonte de segurança fica mais distante.

Por outro lado, relativamente ao grupo de adolescentes mais jovens, verificamos que tendem a apresentar resultados mais elevados no fator Dependência do QED-A e na subescala Separação-Saudável do SITA. Formulou-se uma hipótese explicativa, com base nos resultados encontrados por Levpuscek (2006) tendo como foco o padrão idealizado das figuras parentais, que quando internalizado, conduz a uma maior dependência objetal do adolescente.

Este conjunto de dados faz-nos refletir sobre algumas das questões mais importantes para o adolescente neste período, como o abandono das posições narcísicas, que implica a mudança de objeto de amor, e a construção da identidade, enquanto ser social e com um corpo delimitado. A separação em relação às figuras parentais e o aumento da diferenciação nesta fase de desenvolvimento parece ser acompanhado por certos receios, como os medos associados à perda do contacto físico ou emocional com os outros, que se expressam geralmente sob forma de ansiedade face à expectativa de rejeição.

Os resultados fazem-nos ainda pensar que se uma das tarefas necessárias ao processo de separação-indivuação, passa pelo desinvestimento dos pais interiorizados, pressupondo a desidealização dos mesmos, ganha sentido que esse processo realizado de forma mais premente numa fase mais avançada da adolescência possa conduzir a uma maior ansiedade de separação e medo da rejeição, tal como verificámos na nossa amostra.

A presente investigação teve algumas limitações que devem ser tomadas em consideração. Por um lado, as limitações prendem-se com o número de sujeitos que constituem a amostra, e destes não estarem igualmente representados nas subamostras que foram constituídas (e.g., género, idade, sucesso escolar). Por outro lado, o facto da versão do SITA que utilizámos estar ainda a ser estudada em termos das suas propriedades psicométricas, levanta também algumas questões relativas aos resultados encontrados.

Seria pertinente em investigações futuras, integrar o estudo da vinculação entre os adolescentes e os pais, já que estas duas linhas de desenvolvimento podem ser teorizadas como dois eixos em evolução (Fleming, 2005). Por último, e tendo em conta as diferenças em função da idade, seria relevante desenvolver pesquisas longitudinais, que incluam um maior número de sujeitos e uma faixa etária mais ampla de idades. Através deste estudo,

poderão ser encontrados dados normativos e padrões de relações atípicos em cada fase da adolescência.

Em conclusão, os resultados fazem-nos refletir sobre o processo de separação-individuação e sobre os desafios e tarefas de desenvolvimento que este implica. Consideramos necessário aprofundar a compreensão da forma como este processo de autonomia face aos pais se vai processando ao longo da adolescência e dos movimentos aparentemente contraditórios com que ele nos confronta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrams, J., C. & Goldman, J. (1976). Separation-Individuation in relation to learning inhibition in adolescence. *Journal of the clinical child psychology*, 41 – 44. Acesso em 10 de dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host
- Abrantes, D. & Matos, P. M. (2010). Pais de Adolescentes: Relação entre o Sentido de Generatividade, a Satisfação Parental e a Vinculação aos Pais. *Psicologia, Educação e Cultura*, 14 (1), 145-164
- Allen, S. F. & Stoltenberg, C., D. (1995). Psychological Separation of Older Adolescent and Young Adults From Their Parents: An Investigation of The Gender Differences. *Journal of Counseling & Development*, 73, 542 – 546. Acesso em 10 de dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host
- Blatt, S. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 107-157.
- Blatt, S. (1990). Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (pp. 299-335). Chicago: University of Chicago Press.
- Blatt, S. (1998). Contributions of Psychoanalysis To the Understanding and Treatment of Depression. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46, 723-752. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blatt, S., D’Afflitti, J., & Quinlan, D. (1976). Experiences of depression in normal young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 85 (4), 383-389. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blatt S., Wein S. J., Chevron, E. & Quinlan, D. M. (1979). Parental representations and depression in normal young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 88 (4), 388–397. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host

- Blatt, S., Quinlan, D. M., Chevron, E. S., McDonald, C. & Zuroff, D. (1982). Dependency and selfcriticism: Psychological dimensions of depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50 (1), 113-124. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blatt, S. & Homann E. (1992a). Parent–child interaction in the etiology of dependent and self-critical depression. *Clinical Psychology Review*, 12, 47–91. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blatt, S., Schaffer, C. E., Bers, S. A., & Quinlan. D. M. (1992b). Psychometric properties of the Depressive Experiences Questionnaire for adolescents. *Journal of Personality Assessment*, 59 (1), 82-98. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blatt, S. J., Zohar, A. H. Quinlan, D. M., Zuroff, D. C., & Mongrain, M. (1995). Subscales within the dependency factor of the Depressive Experiences Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 64 (2), 319-339. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 162-186
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. (W. Dutra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Obra original em Inglês publicada em 1962)
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Vol. 1 Apego*. (A. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes Editora (Obra original em Inglês publicada em 1969)
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. (M. M. C. Fernandes, Trad.) Lisboa: Climepsi Editores (Obra original em Inglês publicada em 1998)
- Campos, R. (2000a). Adaptação do Questionário de Experiências Depressivas (de Sidney Blatt e colegas) para a população portuguesa. *Análise Psicológica*, 3 (8), 285-309

- Campos, R. (2009). *Depressivos somos nós: Considerações sobre a depressão, a personalidade e a dimensão depressiva da personalidade*. Edições Almedina
- Campos, C., R. (2010). *Experiências Depressivas e Mecanismos de Defesa: Um Estudo Exploratório na População Geral*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal
- Campos, C. R., Besser, A., & Blatt, S. J. (2010). The mediating role of self-criticism and dependency in the association between perceptions of maternal caring and depressive symptoms. *Depression and Anxiety*, 27, 1149-1157
- Coelho, R. & Martins, A. (2002). *Depressão na Adolescência: da Investigação Comunitária à Clínica*. Porto: BIAL
- Coimbra de Matos, A. (1981). O Objecto Narcisante. *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto*, 5-9
- Coimbra de Matos, A. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4 (3), 409-424
- Coimbra de Matos, A. (1987). Psicanálise, narcisismo e sexualidade. *Jornal do Médico*. Porto: Costa Carregal, 1-34.
- Coimbra de Matos, A. (1988). Reparação Narcísica. *Jornal do Médico*. Porto: Costa Carregal
- Coimbra de Matos, A. (2001) *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Manuais Universitários. Lisboa: Climepsi Editores
- Chevron, E., Quinlan, D., & Blatt, S. (1978). Sex role and gender differences in the experiences of depression. *Journal of abnormal Psychology*, 87(6), 680-683. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host



- Delaroche, P. (2006). *A adolescência: desafios clínicos e terapêuticos*. (E. Pestana, Trad.) Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original em Francês publicada em 2005)
- Dias, A., C. & Vicente, N., T. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento, 6
- Erikson, E. H. (1968) *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton
- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed*. New York: Norton
- Ferreira, M. & Nelas, P.B. (2006). *Adolescências... Adolescentes...Millenium*, 32, 141-162. Acesso em 10 de dezembro, 2012, em <http://www.ipv.pt/millenium/millenium32/11.pdf>
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer*. Porto: Edições Afrontamento
- Fonseca, A. C (2007). Importância dos primeiros anos de vida – o exemplo dos comportamentos agressivos In A. C. Fonseca, M. J. Seabra-Santos, e M. F. Gaspar (Eds) *Psicologia e educação. Novos desafios e velhos temas*. (pp.129-161). Coimbra: Almedina
- Frank, S. J., Poorman, M. O., Van Egeren, L. A. & Field, D. T. (1997). Perceived Relationships With Parents Among Adolescent Inpatients With Depressive Preoccupations and Depressive Mode. *Journal of Clinical Child Psychology*. 26 (2), 205-215. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Freud, S. (1917). Mourning and Melancholia. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works*. Vol. XIV, 237-258. Acesso em 10 de dezembro, 2012, em [http://www.english.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Freud\\_MourningAndMelancholia.pdf](http://www.english.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Freud_MourningAndMelancholia.pdf)
- Freud, S. (2000). *Textos essenciais da psicanálise: Vol. 2. A Teoria da Sexualidade* (I. Busse, Trad.) (2ª ed.) Lisboa: Europa-América (Obra original em Inglês publicada em 1905)
- Fusun, C. C., Akdemir, D. & Akgul, S. (2012). Differential Experiences and Separation-Individuation in Adolescent Twins. *Adolescent Psychiatry*, 2, 52-60. Acesso em 10

de dezembro, 2012, em  
[http://www.benthamdirect.org/pages/b\\_viewarticle.php?articleid=3173743](http://www.benthamdirect.org/pages/b_viewarticle.php?articleid=3173743)

Geadá, M. (1992). *Vulnerabilidade psicológica ao consumo ilícito de tóxicos na adolescência*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

Gnaulati, E. & Heine, J. B. (2001). Separation-Individuation in Late Adolescence: An Investigation of Gender and Ethnic Differences. *The Journal of Psychology*, 135 (1), 59-70. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host

Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (2003) *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Clemipsi Editores. (Obra original em Inglês publicada em 1983)

Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair Bonds as Attachments. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 336-352). New York: The Guilford Press.

Jones, K.A., Kramer, T.L, Armitage, T. & Williams, K. (2003). The impact of father absence on adolescent separation-individuation. *Genetic, social, general psychology monographs*, 129 (1), 73-95

Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T. & Soares, I. (2009). Vinculação na adolescência. In I. Soares. *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. (pp.99-120). Psiquilíbrios Edições

Josselyn, I. (1960). Psicoterapia de los Adolescentes en la Práctica Privada. In Balser, B.H. *Psicoterapia del Adolescente* (A. Madrazo, Trad.), Buenos Aires: Ediciones Hormé (Obra original em Inglês publicada em 1957).

Kins, E., Soenens, B. & Beyers, W. (2011). “Why do they have to grow up so fast?” Parental Separation Anxiety and Emerging Adults’ Pathology of Separation-Individuation. *Journal of Clinical Psychology*, 67 (7), 647—664. Acesso em 2 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host

Klein, M. (1932). *The Psycho-Analysis of children*. Londres: Hogarth Press

- Kroger, J. & Green, K. (1994). Factor Analytic Structure and Stability of the Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Clinical Psychology*, 50 (5), 772 – 785. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Lapsley, D. K., Rice, K. G., & Shadid, G. E. (1989). Psychological separation and adjustment to college. *Journal of Counselling Psychology*, 36, 286-294. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Lapsley, D. K. & Stey, P. (s.d) Separation-Individuation. In I. Weiner & E. Craighead (Eds.), *Corsini's Encyclopedia of Psychology*. New York: Wiley.
- Levine, B. J. (1994). On McClanahan and Holmbeck's Construc Validity Study of the Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Personality Assesement*, 62 (1), 166-168. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Levine, B. J., Green, J. C. & Millon, T. (1986). The Separation-Individuation Teste of Adolescence. *Journal of Personality Assesement*, 50 (1), 123-137. Acesso em 5 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Levine, J., & Saintonge, S. (1993). Psychometric properties of the separationindividuation test of adolescence within a clinical population. *Journal of Clinical Psychology*, 49 (4), 492 – 507. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Levpuscek, M. P. (2006). Adolescent individuation in relation to parents and friends: age and gender differences. *European Journal of Developmental Psychology*, 3 (3), 238 – 264
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos Pais: Retorno às Origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, 8 (1), 139-156
- Mahler, M. (1982). O processo de separação-indivuação. (H. M. de Souza, Trad.) Porto Alegre: Editora Artes Médicas. (Obra original em Inglês publicada em 1979)
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência*. (O. Santos, Trad.) Lisboa: Climepsi Editores (Obra original em Francês publicada em 1990)

- Marcelli, D., Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Manuais Universitários. Climepsi Editores
- Marcus, M., Yasamy, T. M., Ommeren, M., Chisholm, D. & Saxe, S. (2012). *Depression: A Global Public Health Concern*. WHO: Department of Mental Health and Substance Abuse. Acesso em 2 de Fevereiro, 2013, em [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/who\\_paper\\_depression\\_wfmh\\_2012.pdf](http://www.who.int/mental_health/management/depression/who_paper_depression_wfmh_2012.pdf)
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS*. (2ª ed.) Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Masterson, J., F. (1985). *Treatment of the Borderline Adolescent: A Developmental Approach*. New York: Brunner/Mazel (Obra original publicada em 1972) Acesso em 2 de Fevereiro, 2013, em [http://books.google.pt/books?id=UIKCK6vAbSQC&hl=pt-PT&source=gbs\\_book\\_other\\_versions](http://books.google.pt/books?id=UIKCK6vAbSQC&hl=pt-PT&source=gbs_book_other_versions)
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- McClanahan, G. & Holmbeck, N., G. (1992). Separation-Individuation, Family Functioning, and Psychological Adjustment in College Students: A Construct Validity Study of the Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Personality Assessment*, 59 (3), 468-485. Acesso em 10 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Morgado, C. (2012). *Adaptação para a População Portuguesa do Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A), de Sidney Blatt e colegas*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade de Évora

- Organização Mundial de Saúde (1975). *El embarazo y el aborto en la adolescência*. Suíça: Genebra. Acesso em 3 de abril, 2013, em [http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO\\_TRS\\_583\\_spa.pdf](http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO_TRS_583_spa.pdf)
- Organização Mundial de Saúde (2002). *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. (Climepsi Editores Trad.) Direção Geral de Saúde. Acesso em 3 de abril, 2013, em [http://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf)
- Pedinielli, J. & Bernoussi, A. (2006). *Os estados depressivos*. (E. Pestana Trad.) Lisboa: Climepsi Editores (Obra original em Inglês publicada em 2004)
- Quintanna, S. M. & Kerr, J. (1993). Relational Needs in Late Adolescent Separation-Individuation. *Journal of Counseling & Development*, 71, 349 – 354. Acesso em 6 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Rocha, M., Mota, C. P. & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 29 (2), 185-200
- Shahar, G., Blatt, S. J., Ford, R. Q. (2003) Mixed Anaclitic-Introjective Psychopathology in Treatment-Resistant Inpatients Undergoing Psychoanalytic Psychotherapy. *Psychoanalytic Psychology*, 20 (1), 84–102. Acesso em 5 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Shahar G., Blatt S., Zuroff, D., Kuperminck, G. & Leadbeater, B. (2004a). Reciprocal Relations Between Depressive Symptoms and Self-Criticism (but Not Dependency) Among Early Adolescent Girls (but Not Boys). *Cognitive Therapy and Research*, 28, (1), 85–103. Acesso em 5 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Shahar G., Gallagher, L., Blatt, S., Kuperminck, G. & Leadbeater, B. (2004b). An Interactive-Synergetic Approach to the Assessment of Personality Vulnerability to Depression: Illustration Using the Adolescent Version of the Depressive Experiences Questionnaire. *Journal of Clinical Psychology*, 60 (6), 605–625. Acesso em 5 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host

- Smolak, L. & Levine, P. M. (1992). Separation-Individuation Difficulties and the Distinction Between Bulimia Nervosa and Anorexia Nervosa in College Women. *International Journal of Eating Disorder*, 14 (1), 33-41. Acesso em 3 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Soares, I. & Campos, B. P. (1988). Vinculação e Autonomia na Relação do Adolescente com os Pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64
- Sprinthall, N. & Collins, W., A. (1994). Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista. (2ª ed.) (C. Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Stadelmann, S., Perren, S., Groeben, M. & Klitzing, K. (2010). Parental Separation and Children's Behavioral/ Emotional Problems: The Impact of Parental Representations and Family Conflict. *Family Process*, 49 (1), 92 – 108. Acesso em 10 de Dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host
- Tamar, M., Bildik, T., Kosem, S. F., Kesikçi, H., Tatar, A., Yaman, B., Erermis, S., Ozbaran, B. (2006). The Characteristics of Separation-Individuation in Turkish High School Students. *Adolescence*, 41(161). Acesso em 10 de Dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host
- Yahav, R., Vosburgh, J. & Miller, A. (2007). Separation-individuation processes of adolescent children of parents with multiple sclerosis. *Multiple Sclerosis*, 13, 87-94. Acesso em 3 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Yao, S., Fang, J., Zhu, X. & Zuroff, D. C. (2009). The Depressive Experiences Questionnaire: Construct Validity and Prediction of Depressive Symptoms in a Sample of Chinese Undergraduates. *Depression and Anxiety*, 26, 930–937. Acesso em 3 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Zapata-Gallardo, J. N., Figueroa-Gutiérrez, M., Méndez-Delgado, N., Miranda-Lozano, V. M., Linares-Segovia, B., Carrada-Bravo, T., Vela-Otero, Y. & Rayas-Lundes, A. M. (2007). Depresión asociada a la disfunción familiar en la adolescencia.

Mediagraphic, 64, 295 – 301. Acesso em 5 de março, 2013, em <http://www.medigraphic.com/pdfs/bmhim/hi-2007/hi075e.pdf>

Zuroff, D., Quinlan, D., & Blatt, S. (1990). Psychometric properties of the Depressive Experiences Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 55 (1/2), 65-72. Acesso em 10 de Dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host

Zuroff, D. C. (1994). Depressive personality styles and the five-factor model of personality. *Journal of Personality Assessment*, 63 (3), 453-472. Acesso em 10 de Dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host

# **ANEXOS**



## ANEXO I – Questionário Sociodemográfico

Este questionário destina-se à investigação no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia Dinâmica e da Saúde) na Faculdade de Psicologia na Universidade de Lisboa, com o tema “**O processo de Separação-Individuação e as Experiências Depressivas na Adolescência**” a ser realizada por Natacha Viera. Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e serão apenas utilizados para fins de investigação.

Data de preenchimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: F  M

### Agregado familiar:

Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Já reprovaste? Sim  Não

Se respondeste sim, indica o número de anos reprovados: \_\_\_\_\_

### Agregado familiar:

Vives com ambos os pais: Sim  Não

Vives só com a mãe: Sim  Não

Vives só com o pai: Sim  Não

Os teus pais são divorciados: Sim  Não

#### Pai

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

#### Mãe

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

## ANEXO II – Versão portuguesa do Questionário de Experiências Depressivas para Adolescentes (QED-A)

### QED-A

Sidney Blatt, Carrie Schaffer, Susan Bers e Donald Quinlan (1989)  
Versão portuguesa de Cristina Morgado e Rui C. Campos (2011)

**INSTRUÇÕES:** Em baixo encontra um conjunto de afirmações respeitantes a características e traços pessoais. Leia cada afirmação e decida se concorda ou discorda e em que grau. Se concorda totalmente, faça um círculo à volta do número 7. Se discorda totalmente, faça um círculo à volta do número 1. Se está algures num ponto intermédio, faça um círculo à volta de um dos números entre 1 e 7. Se está indeciso ou se está numa posição neutra, faça um círculo no ponto médio da escala que corresponde ao número 4.

		1	2	3	4	5	6	7
		Discordo Totalmente			Neutro	Concordo Totalmente		
		Discordo Totalmente		Neutro	Concordo Totalmente			
1-	Coloco os meus objectivos pessoais num nível muito alto	1	2	3	4	5	6	7
2-	Sem o apoio dos que me são próximos, sentir-me-ia desamparado(a)	1	2	3	4	5	6	7
3-	Estou habitualmente satisfeito(a) com os meus planos e objectivos, em vez de tentar objectivos mais altos	1	2	3	4	5	6	7
4-	Algumas vezes sinto-me muito grande, e outras sinto-me muito pequeno(a)	1	2	3	4	5	6	7
5-	Nunca sinto ciúmes quando vejo alguém de quem sou próximo(a) com outras pessoas	1	2	3	4	5	6	7
6-	Preciso realmente de alguma coisa que só as outras pessoas me podem dar	1	2	3	4	5	6	7
7-	Penso frequentemente que fico aquém daquilo que espero de mim próprio(a)	1	2	3	4	5	6	7
8-	Sinto que estou sempre a usar plenamente as minhas capacidades	1	2	3	4	5	6	7
9-	Aborrece-me o facto das relações com as outras pessoas sofrerem mudanças	1	2	3	4	5	6	7

## ANEXO III – Teste de Separação-Individuação (SITA)

---

### QUESTIONÁRIO DE SEPARAÇÃO - INDIVIDUAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

SITA (Levine, 1993)

Versão de Ana de Oliveira e Sousa\*, Constança Biscaia\*\* e Vânia Pereira Branco\*

Departamento de Psicologia, Universidade de Évora

Este questionário destina-se a um estudo sobre o desenvolvimento dos adolescentes e dos jovens adultos e é constituído por um conjunto de afirmações que descrevem sentimentos, atitudes e comportamentos que as pessoas têm.

Lê cada afirmação e assinala com um círculo a opção de resposta que consideras estar mais de acordo contigo:

- 1 – Concordas totalmente**
- 2 – Concordas**
- 3 – Não concordas nem discordas**
- 4 – Discordas**
- 5 – Discordas totalmente**

Por favor responde com sinceridade a todas as questões. Não há respostas certas ou erradas.

**Este questionário é confidencial e anónimo**, sendo as tuas respostas usadas apenas para fins de investigação.

\* Doutoranda do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora

\*\* Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora

## **ANEXO IV – Subescalas do SITA**

### **SUBESCALA 1: PRÁTICAS DE ESPELHO**

72. Frequentemente sinto que aqueles que estão em meu redor me admiram.
68. As outras pessoas são facilmente impressionadas por mim.
81. As outras pessoas parecem impressionar-se com as minhas capacidades.
57. Mesmo quando não o dizem, às vezes eu consigo perceber, pelo seu olhar, que os outros me admiram.
75. Sinto-me especial comparativamente com outras pessoas.
39. Sinto que há pessoas que me admiram e me respeitam.
62. Às vezes as pessoas ficam surpreendidas com as minhas capacidades.
76. No meu grupo de amigos sou frequentemente o centro das atenções.
33. Às vezes surpreendo-me com as minhas próprias capacidades e talentos.
71. Agrada-me muito saber que os outros me acham fisicamente atraente.
30. Tendo em conta a maior parte das pessoas que conheço, considero-me melhor que elas.
78. Geralmente recebo apreciações positivas de outras pessoas relativamente ao que sentem por mim.
18. Normalmente, quando faço qualquer coisa com os meus amigos, ajo como um líder. 13. Gosto particularmente de observar o meu corpo no espelho.
2. Às vezes sinto-me tão poderoso/a que parece que não existe dificuldade que me seja difícil de ultrapassar.

### **SUBESCALA 2: NEGAÇÃO DE DEPENDÊNCIA**

23. Não consigo sentir que o amor ocupe grande lugar na minha vida.
79. Não consigo sentir muita necessidade de amizades próximas com outros.
52. Não preciso verdadeiramente de ninguém.
12. Não percebo o objectivo das relações calorosas e afectivas.

41. A amizade não vale o esforço que requiere.
28. Estar próximo de alguém é desconfortável.
48. Penso que é ridículo quando as pessoas choram no fim de um filme emotivo.
58. Não gosto verdadeiramente de ninguém.
84. Os meus planos pessoais são mais importantes que os meus relacionamentos.
27. Sinto que as outras pessoas interferem com a minha capacidade de resolver as coisas à minha maneira.
16. Tenho um melhor desempenho quando estou sozinho e não tenho outras pessoas à minha volta a aborrecerem-me.
35. A minha vida está preenchida sem grandes amigos.

### **SUBESCALA 3: ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO**

21. Preocupo-me, frequentemente, com o facto de poder ser rejeitado/a pelos meus amigos.
80. Preocupo-me com o facto de não ter aprovação dos meus professores.
65. À noite, antes de dormir, às vezes sinto-me sozinho/a e desejo que esteja alguém por perto para conversar ou apenas estar ali comigo.
47. Sinto-me dominado ou controlado pelas pessoas à minha volta.
4. Frequentemente não percebo o que é que as pessoas pretendem numa relação próxima comigo.
3. A ideia de estar sozinho/a assusta-me muito.
8. Preocupo-me muito com a morte.
74. Assusta-me a ideia de ir a uma grande festa onde possa não conhecer ninguém.
86. Ficaria preocupado se descobrisse que um professor meu estava zangado ou desiludido comigo.
24. Preocupo-me frequentemente que o meu namoro possa terminar.
44. A opinião dos professores acerca da minha pessoa é muito importante para mim.
37. Fico bastante preocupado/a que na próxima década possa haver uma guerra nuclear que destrua uma grande parte do mundo.

54. Quando penso nas pessoas que são mais importantes para mim, desejo poder estar mais com elas e ser emocionalmente mais próximo/a.

10. Às vezes penso como era bom ser criança, quando alguém cuidava das minhas necessidades.

#### **SUBESCALA 4: APROXIMAÇÃO A PARES**

40. Um dos meus amigos conhece-me tão bem que sinto que consegue ler os meus pensamentos.

46. Conheço tão bem alguns dos meus amigos que parece que consigo ler-lhes o pensamento.

20. Sinto-me tão confortável com pelo menos um amigo ao ponto de poder dizer-lhe todo o que eu sinto.

38. As minhas amizades tendem a ser do tipo "melhores amigos".

63. Quando sou verdadeiramente amigo/a de alguém é comum saberem os meus aspectos positivos e negativos.

29. Embora o/a meu/minha melhor amigo/a faça coisas que eu não gosto, continuo a preocupar-me muito com ele/a.

34. Penso em alguns dos meus amigos quando estou sozinho porque sinto a sua falta. 42. Embora goste de me dar bem com os meus amigos, se eu não concordar com algo que eles façam, sinto-me à vontade para lhes dizer.

#### **SUBESCALA 5: ANSIEDADE DE APROXIMAÇÃO**

61. Sinto que os meus pais restringem em demasia a minha liberdade.

1. Às vezes os meus pais são tão sobreprotectores que me fazem sentir sufocado.

85. Estou desejoso/a de deixar de estar sob as regras dos meus pais.

6. Mal posso esperar pelo dia em que irei morar por minha própria conta e estar livre dos meus pais.

59. Os meus pais exercem uma forte vigilância sobre as minhas saídas e os locais que frequento.

31. Frequentemente sinto-me revoltado/a em relação às coisas que os meus pais me dizem para fazer.

9. A maior parte dos pais são controladores e não querem que os seus filhos cresçam.

#### **SUBESCALA 6: PROCURA DE CUIDADOS**

50. Acredito que Deus olha por mim e me protege do perigo.

67. Deus conhece a minha vida, irei onde ele me guiar.

19. Sinto-me sozinho/a quando estou longe dos meus pais, durante demasiado tempo.

77. Preferia os primeiros anos de vida, quando podia confiar mais nos meus pais para me orientarem de modo a progredir.

82. Gostaria de viver sempre na mesma cidade que os meus pais e irmãos de modo a que possamos passar muito tempo juntos.

10. Às vezes penso como era bom ser criança, quando alguém cuidava das minhas necessidades.

53. Preocupo-me bastante com a possibilidade de um dos meus pais morrer.

14. Um dos meus pais conhece-me tão bem, que na maioria das vezes sabe o que é que eu estou a pensar.

#### **SUBESCALA 7: APROXIMAÇÃO A PROFESSORES**

56. Um dos meus professores preferidos tem uma personalidade espantosamente parecida com a minha.

60. Na escola tenho uma relação especial com um professor que vai além do típico laço professor-aluno.

49. Com o meu professor preferido posso partilhar alguns dos meus medos e preocupações mais íntimos.

83. Os meus professores aconselham-me sobre a minha vida social.

86. Ficaria preocupado se descobrisse que um professor meu estava zangado ou desiludido comigo.

32. Às vezes sinto-me muito triste por dizer adeus a um professor que realmente gosto.

80. Preocupo-me com o facto de não ter aprovação dos meus professores.

44. A opinião dos professores acerca de mim como pessoa é muito importante para mim.

### **SUBESCALA 8: SEPARAÇÃO SAUDÁVEL**

11. Sou amigável com tipos de pessoas diferentes.

17. Mesmo quando tenho uma relação muito próxima com outra pessoa, sinto que posso ser eu mesmo/a.

36. Embora eu seja parecido em alguns aspectos com os meus amigos próximos, também somos diferentes noutros.

22. Os meus amigos e eu temos alguns interesses comuns e outros diferentes.

5. Sinto-me tão bem estando sozinho/a como com outras pessoas.

29. Embora o/a meu/minha melhor amigo/a faça coisas que eu não gosto, continuo a preocupar-me com dele/a.

42. Embora goste de me dar bem com os meus amigos, se eu não concordar com algo que eles façam, sinto-me à vontade para lhes dizer

### **SUBESCALA 9: EXPECTATIVA DE REJEIÇÃO**

7. Às vezes parece que as pessoas me querem magoar.

15. Se contasse a alguém as minhas preocupações, provavelmente não as compreenderiam.

25. Os meus pais parecem muito mais preocupados com os seus próprios projectos do que com os meus.

26. Não poderei contar, mesmo com os meus melhores amigos, se realmente necessitar.

45. Os meus pais parecem muito desinteressados relativamente ao que se passa comigo.

51. Às vezes parece que os meus pais desejam nunca me terem tido.

55. É-me difícil confiar verdadeiramente em alguém.

64. Parece que ninguém me compreende.

66. Se eu me permitir aproximar emocionalmente de alguém, provavelmente saio magoado/a.



69. Às vezes parece que os meus pais realmente me odeiam.

70. Desde que não dependa de ninguém, não serei magoado/a.

73. Em casa, muitas vezes sinto que estou no "bom caminho".

## **ANEXO V – Declaração do Consentimento Informado**

Lisboa,... de.... de 2013

**Exmo (A). Senhor (a) Encarregado de Educação:**

No âmbito da investigação que estou a realizar “**O processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência**”, sob a orientação da Prof. Doutora Constança Biscaia, no contexto da minha dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia Dinâmica e da Saúde), da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, solicito a sua autorização para que o seu educando/a possa colaborar através do preenchimento de 3 questionários. Estes pretendem medir as consequências do processo de separação-individuação e a forma como se relacionam com a vivência de estados depressivos na adolescência. Os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais e serão apenas utilizados para fins de análise estatística. Não será registada qualquer informação pessoal identificativa dos participantes, garantindo-se o anonimato dos mesmos.

Se pretende receber informação relativa aos resultados da investigação, peço que a solicite para o seguinte endereço de email (nvieira111@gmail.com).

Agradeço desde já a colaboração do seu educando/a

*Com os melhores cumprimentos,*

Natacha Filipa Raposo Vieira

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro que fui informado acerca da investigação com o tema “**O processo de separação-individação e as experiências depressivas na adolescência**” e, que autorizo a participação do meu educando/a na investigação, conduzida por Natacha Vieira, do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Observações: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013,

## ANEXO VI – *Output* da comparação múltipla das médias das ordens n subescala Ansiedade de Separação do SITA

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of SITA\_AnsSep

Tamhane

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
	15	16,067599	12,633820	,777	-21,76579	53,90099
14	16	4,526965	12,700086	1,000	-33,36841	42,42234
	17	-11,654102	12,985996	,944	-50,04502	26,73682
15	14	-16,067599	12,633820	,777	-53,90099	21,76579
	16	-11,540635	8,499332	,691	-34,39031	11,30904
	17	-27,721701*	8,920905	,016	-51,80821	-3,63519
16	14	-4,526965	12,700086	1,000	-42,42234	33,36841
	15	11,540635	8,499332	,691	-11,30904	34,39031
	17	-16,181067	9,014506	,378	-40,42589	8,06376
17	14	11,654102	12,985996	,944	-26,73682	50,04502
	15	27,721701*	8,920905	,016	3,63519	51,80821
	16	16,181067	9,014506	,378	-8,06376	40,42589

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

## ANEXO VII – *Output* da comparação múltipla das médias das ordens n subescala Ansiedade de Aproximação do SITA

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of SITA\_AnsApro

Tamhane

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
14	15	7,081585	18,811672	,999	-51,14722	65,31039
	16	2,558552	18,491856	1,000	-55,35276	60,46987
	17	-18,233925	18,493346	,920	-76,15580	39,68795
15	14	-7,081585	18,811672	,999	-65,31039	51,14722
	16	-4,523033	8,782195	,996	-28,18386	19,13779
	17	-25,315510*	8,785330	,030	-49,05109	-1,57993
16	14	-2,558552	18,491856	1,000	-60,46987	55,35276
	15	4,523033	8,782195	,996	-19,13779	28,18386
	17	-20,792476	8,077856	,068	-42,49915	,91420
17	14	18,233925	18,493346	,920	-39,68795	76,15580
	15	25,315510*	8,785330	,030	1,57993	49,05109
	16	20,792476	8,077856	,068	-,91420	42,49915

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

## ANEXO VIII – *Output* da comparação múltipla das médias das ordens n subescala Separação Saudável do SITA

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of SITA\_SepSaud

Tamhane

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
	15	-18,200466	16,735502	,879	-70,13927	33,73834
14	16	6,507704	16,645855	,999	-45,33056	58,34597
	17	3,790466	17,220490	1,000	-48,69769	56,27862
	14	18,200466	16,735502	,879	-33,73834	70,13927
15	16	24,708170*	7,976486	,016	3,24952	46,16682
	17	21,990932	9,115104	,105	-2,63404	46,61591
	14	-6,507704	16,645855	,999	-58,34597	45,33056
16	15	-24,708170*	7,976486	,016	-46,16682	-3,24952
	17	-2,717239	8,949447	1,000	-26,84207	21,40759
	14	-3,790466	17,220490	1,000	-56,27862	48,69769
17	15	-21,990932	9,115104	,105	-46,61591	2,63404
	16	2,717239	8,949447	1,000	-21,40759	26,84207

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

## ANEXO IX – Output da comparação múltipla das médias das ordens no fator Dependência do QED-A

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of depend

Tukey HSD

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
14	15	-21,995338	14,559602	,434	-59,83380	15,84312
	16	-11,958398	14,006184	,828	-48,35860	24,44180
	17	4,705100	14,481266	,988	-32,92978	42,33998
15	14	21,995338	14,559602	,434	-15,84312	59,83380
	16	10,036940	8,801321	,665	-12,83652	32,91040
	17	26,700438*	9,539243	,029	1,90922	51,49166
16	14	11,958398	14,006184	,828	-24,44180	48,35860
	15	-10,036940	8,801321	,665	-32,91040	12,83652
	17	16,663497	8,671120	,223	-5,87159	39,19858
17	14	-4,705100	14,481266	,988	-42,33998	32,92978
	15	-26,700438*	9,539243	,029	-51,49166	-1,90922
	16	-16,663497	8,671120	,223	-39,19858	5,87159

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.